

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras/Mestrado
Área de concentração: Estudos da Linguagem



Dissertação

**A desconstrução do machismo pela linguagem: ordens de indexicalidade
e *outscalings* motivados pelo movimento feminista no Facebook**

Clarice Regina de Souza Cabral

Pelotas, 2018

Clarice Regina de Souza Cabral

**A desconstrução do machismo pela linguagem: ordens de indexicalidade
e outscalings motivados pelo movimento feminista no Facebook**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras (Área de Concentração: Estudos da Linguagem)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Leticia Fonseca Richthofen de Freitas

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C117d Cabral, Clarice Regina de Souza

A desconstrução do machismo pela linguagem : ordens de indexicalidade e outscalings motivados pelo movimento feminista no Facebook / Clarice Regina de Souza Cabral ; Letícia Fonseca Richthofen de Freitas, orientadora. — Pelotas, 2018.

92 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Linguística aplicada transgressiva. 2. Ordens de indexicalidade. 3. Outscalings. 4. Feminismo. I. Freitas, Letícia Fonseca Richthofen de, orient. II. Título.

CDD : 418

Elaborada por Maria Inez Figueiredo Figs Machado CRB: 10/1612

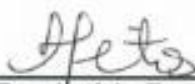
Clarice Regina de Souza Cabral

**A desconstrução do machismo pela linguagem: ordens de indexicalidade e outscaling
motivados pelo movimento feminista no Facebook.**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado, Área de Concentração Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Pelotas.

22 de Fevereiro de 2018

Banca examinadora:



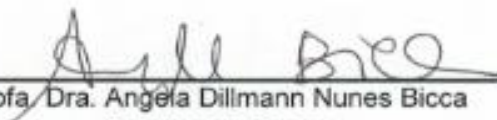
Profa. Dra. Leticia Fonseca Richthofen de Freitas
Orientadora/Presidente da Banca

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Prof. Dr. Rafael Vetromille-Castro
Membro da Banca

Doutor em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Profa. Dra. Angela Dillmann Nunes Bicca
Membro da Banca

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

À Isabella Corrêa Cabral,
sobrinha amada mais
recémchegada nesta família e
minha maior motivação por um
mundo mais justo para nós,
mulheres.

Agradecimentos

Aos meus pais, Rita e Gilson, pelo amor, incentivo, apoio incondicional e por serem exemplos de vida e de luta.

Ao meu irmão, Hélder, por me dar minha cunhada Camila e sobrinhos, Isabella e Bernardo, amores da minha vida. Também pelas horas de discussão política, filosófica, social e críticas mútuas, pelas experiências vividas juntos que nos unem cada dia mais. Obrigada por você ser meu orgulho, suporte emocional e motivo de tudo que faço na vida.

À orientadora professora Dra. Letícia Freitas, exemplo de pessoa e profissional. Por todo aprendizado, pelo carinho e profissionalismo, pela compreensão nos momentos de desespero com os percalços da estrada, por me apresentar as teorias que me significam e me fazem brilhar os olhos. Um presente na caminhada acadêmica. Obrigada por abraçar este sonho comigo e o fazer possível.

Ao professor Rafael Vetromille de Castro, pelos desafios, provocações, contribuições e carinhos destinados a mim neste curso e neste trabalho. Um exemplo de profissional no papel de fazer pensar.

À professora Angela Dillmann Nunes Bicca, pelo tempo dedicado e contribuições ao meu trabalho, tanto na etapa de qualificação quanto na etapa final. Seu olhar me ajudou a chegar até aqui.

À UFPel pela oportunidade de fazer parte da instituição e pelo corpo docente disponibilizado, que fizeram total diferença em minha vida profissional.

Aos amigos e familiares que sempre acreditaram em mim e me dedicaram palavras de amor, carinho e orgulho, me fazendo seguir em frente mesmo quando acreditava ser impossível.

Resumo

CABRAL, Clarice R. S. de. **A desconstrução do machismo pela linguagem: ordens de indexicalidade e *outscalings* motivados pelo movimento feminista no Facebook**. 2018. 86f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

No atual panorama social da modernidade tardia, percebemos o crescimento no índice de reflexões e discussões sobre desigualdade de gênero, com o auxílio da popularização do uso da Internet e aumento de usuários ativos na Web 2.0 e suas redes sociais. Com isso, os grupos do(s) movimento(s) feminista(s) possuem mais espaços para realizar questionamentos sobre as opressões vividas pelas mulheres na sociedade e, a partir disso, desconstruir Discursos que regulamentam e ferem corpos e comportamentos femininos. Desta forma, a luta feminista ganha maior visibilidade e possibilidade de atingir as diversas camadas sociais. Assim, se apresenta de maneira urgente compreender os embates discursivos que emergem nestes espaços, concebendo que a linguagem é constituidora do ser e, portanto, criadora, reafirmadora e modificadora de realidades da vida prática/virtual (MOITA LOPES, 2006). Objetivamos, com este estudo, analisar Discursos que buscam controlar o comportamento feminino, criando verdades, efeitos de sentido e consequências nas práticas sociais, a partir dos comentários de postagens em páginas feministas da rede social Facebook. Para tanto, nos embasamos nos preceitos da Linguística Aplicada Transgressiva (PENNYCOOK, 2006), que possui uma agenda de pesquisa com compromisso ético ao tratar da vida social, apontando seu olhar para os sujeitos que se encontram às margens e transgredindo fronteiras disciplinares convencionais, a fim de dar voz aos sujeitos de pesquisa e significar os processos socioculturais que atravessam suas vidas. Para análise de dados, nos apoiamos nos pressupostos metodológicos da etnografia digital (HINE, 2000) e utilizamos as teorias das escalas sociolinguísticas, ordens de indexicalidade e *outscalings* propostos por Blommaert (2010a), a fim de entender o percurso dos d/Discursos (GEE, 1999) analisados no EspaçoTempo. A pesquisa aponta que, nos debates selecionados, foram mobilizados Discursos como a maternidade compulsória, pressão social pela performance de feminilidade da mulher, Discursos esses que relacionam respeito e caráter feminino de acordo com as roupas utilizadas ou número de parceiros em suas vidas. Além disso, mobilizaram ordens de indexicalidade de padronização de comportamento feminino para que as mulheres sejam socialmente aceitas, e de culpabilização da mulher em casos de crimes de cunho sexual, violências e assédio. Por fim, a investigação nos mostrou que as mulheres feministas problematizam os Discursos em circulação no macro espaço e questionam essas verdades no micro espaço, utilizando a estratégia de contar narrativas autobiográficas a fim

de criar *outscalings* e modificar os Discursos que normatizam os comportamentos femininos na sociedade.

Palavras-Chave: linguística aplicada transgressiva; ordens de indexicalidade; outscalings; feminismo.

Abstract

CABRAL, Clarice R. S. de. **The deconstruction of machism by language: indexical orders and outscalings motivated by the feminist movement on the Facebook.** 2018. 86f. Dissertation (Master in Letters - Concentration Area: Language Studies). Programa de Pós Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

In the current social panorama of later modernity, we perceive the growth in the index of reflections and discussions on gender inequality, with the help of popularization of the Internet use and increase of active users in Web 2.0 and its social networks. With this, the groups of the feminist movement (s) have more spaces to question the oppressions experienced by women in society and, from this, to deconstruct discourses that regulate and injure women's bodies and behaviors. With this, the feminist struggle gains greater visibility and possibility of reaching the different social strata. Thus, it is urgently presented to understand the discursive conflicts that emerge in these spaces, conceiving that language is constitutive of being and therefore creative, reaffirming and modifying realities of practical / virtual life (MOITA LOPES, 2006). We intend, with this study, to analyze Discourses that seek to control female behavior, creating truths, meaning effects and consequences in social practices, from the comments of posts in feminist pages of the social network Facebook. For this, we based us on the precepts of Transgressive Applied Linguistics (PENNYCOOK, 2006), which has a research agenda with ethical commitment in dealing with social life, aiming its eyes to the individuals that are on the margins and transgressing conventional disciplinary boundaries, in order to give voice to research subjects and to mean the socio-cultural processes that cross their lives. For data analysis, we based on the methodological assumptions of digital ethnography (HINE, 2000) and use the theories of sociolinguistic scales, indexicality orders and outscalings proposed by Blommaert (2010a) in order to understand the course of d/Discourses (GEE, 1999) analyzed in TimeSpace. The research presented that, in the selected debates, discourses such as compulsory maternity, social pressure for the performance of woman's femininity and that relate respect and feminine character according to the clothes used or number of partners they have had in their lives. In addition, they mobilized indexical orders to standardize women's behavior so that women are socially accepted and blame the woman for cases of sexual crimes, violence and harassment. Finally, this research has shown us that feminist women problematize the circulating Discourses in the macro space and question these truths in the micro space, using the strategy of the use the autobiographical narratives in order to create outscalings and to modify the Discourses that normalize the feminine behaviors in the society.

Keywords: transgressive applied linguistics; indexicality orders; outscalings; feminism.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 A (des/re)construção da pesquisadora até aqui	11
2 A PESQUISA	15
2.1 O percurso histórico do feminismo.....	21
3 APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO	30
3.1 Bases teóricas	30
3.1.1 A Linguística Aplicada Transgressiva	30
3.1.2 As viradas linguística e cultural	34
3.1.3 d/Discursos.....	37
3.1.4 Escalas sociolinguísticas	40
3.1.5 Ordens de indexicalidade e <i>outscalings</i> motivados nos embates feministas	42
3.1.6 Narrativas autobiográficas – uma estratégia	46
3.2 Procedimentos investigativos.....	51
3.2.1 Etnografia digital.....	51
4 ANÁLISE: A DESCONSTRUÇÃO DE DISCURSOS MACHISTAS NO FACEBOOK.....	60
4.1 Análise da imagem e comentários 1	64
4.2 Análise da imagem e comentários 2	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	87

1 INTRODUÇÃO

1.1 A (des/re)construção da pesquisadora até aqui

No ano de 2013, durante a graduação, fui selecionada para realizar um curso multidisciplinar na cidade de Santa Fe/AR. Primeiramente, fiquei interessada na possibilidade de adquirir a fluência no idioma espanhol, porém, mais que isso, tive a oportunidade de conviver durante 20 dias com pessoas de vários países, além de pessoas de outras localidades do Brasil, entre estes: Uruguai, Argentina, Paraguai, Irlanda, Espanha, Colômbia e México. Com isso, inserida num contexto pluri e intercultural, a interação a partir ideias políticas, filosóficas, de gêneros e linguísticas foi capaz de expandir minha visão sobre conceitos que, até então, estavam estagnados dentro de meus pensamentos. Retornei à continuação do meu curso de Letras no Brasil cheia de questionamentos, confusões e desconstruções de minhas reflexões e ideologias até aquele momento. Os conceitos e juízos em que havia crescido e os quais tinham sido construídos em minha educação até então já não faziam mais sentido, ou pelo menos não havia mais a certeza de antes, de maneira sólida e com cargas de verdades incontestáveis.

Entre estes conceitos sólidos estavam o de gênero e, mais especificamente, o gênero feminino e seus papéis pré-estabelecidos na sociedade patriarcal em que estamos inseridas e inseridos. Este tema começou a tomar protagonismo em minhas reflexões e, com o aprofundamento em Estudos Culturais e dos estudos das minorias, fui cada vez mais me sentindo tentada a prosseguir com os estudos em Linguística Aplicada articulando este campo de conhecimento com aqueles mencionados antes. Entendemos que estamos em uma sociedade socioconstruída, de maneira que os modos de sociabilidade – ou identidades - são pré-estabelecidos ainda de acordo com os pressupostos da modernidade, desde o nascimento, através da linguagem.

As identidades de gênero dos sujeitos, por exemplo, são designadas de acordo com seus sexos biológicos. Ao ser declarado “menino”, ou “menina”, este indivíduo será socializado de acordo com estes papéis (masculino ou feminino). Dentro de um sistema moderno, este é um exemplo de conceito sólido. Ao subvertê-lo, trazendo à tona suas identidades de gênero de acordo com seus sentimentos, pensamentos e representatividades, os sujeitos caminham em um

caos, no sentido de ser algo que foge da ordem préestabelecida binária (reconhecimento de apenas dois gêneros existentes: masculino e feminino). Estas concepções são sólidas, mas que podem ser subvertidas, mudadas, transformadas. Ou seja, estas identidades não são fixas, essenciais ou únicas, pois, apesar de pré-estabelecidas, são mutáveis, fluidas e efêmeras.

Entre as minorias que me chamavam atenção como possíveis objetos de pesquisa, por ser uma mulher cisgênero (posso a identidade de gênero compatível com a que me foi atribuída na nascença) me pareceu mais interessante falar de situações e de opressões que vivenciava. Assim, comecei a estudar mais sobre o movimento social, filosófico e político denominado feminismo.

A Internet teve grande importância em minha construção como militante do feminismo. Foi através dela e das redes sociais que pude ter os primeiros contatos com os estudos feministas. Devido à facilidade de acesso às informações, relatos pessoais de mulheres que se identificavam com o movimento, reivindicações e questões divulgadas sobre as mulheres (como gêneros, violências, identidades, aborto, construções sociais, vertentes feministas, etc.), comecei a me integrar à militância e buscar estudos que pudessem me apresentar as explicações que começavam a brotar em meus pensamentos. As redes sociais Facebook¹, Twitter² e também blogs e páginas digitais foram minhas fontes de estudos e primeiros espaços de militância.

Dentro dos inúmeros espaços nos quais poderia desenvolver minha pesquisa, elegi a rede social Facebook como núcleo principal de minha investigação. Os motivos da escolha foram dois: constatar a grande circulação de postagens e discussões veiculadas diariamente, sobre os mais diversos assuntos nesta rede; e percebê-la como democrática em relação às classes sociais em comparação com outras (Twitter, Pinterest e Snapchat, por exemplo). Como usuária e pesquisadora, percebo o espaço dessas outras redes sociais ainda sendo ocupado em sua maioria por classes médias/altas, com graus de instrução em níveis superiores e acesso a bons dispositivos digitais. No Facebook, entretanto, temos um território com usuários de diversos níveis e uma preferência por utilizá-lo para os mais distintos fins, como meio de comunicação,

¹ <https://www.facebook.com/>.

² <https://www.twitter.com;>

para diversão, negócios, reivindicações, reclamações, narrativas autobiográficas, entre outros.

Como principal aporte teórico, nos apoiamos nas reflexões sobre a Linguística Aplicada Transgressiva/Indisciplinar de autores como Moita Lopes, Pennycook, Fabrício, Rajagopalan, entre outros. Esta linha de estudos entende o ser humano como construído socialmente e constituído por sua linguagem. Considera um sujeito múltiplo, fragmentado, heterogêneo e fluido como protagonista de suas análises. O ser humano, desde seu nascimento, se constitui a partir de processos sócio-culturais complexos, em que sua vida será pautada por estes processos. Sendo assim, esta LA não concebe o sujeito como homogêneo e padrão.

Esta LA se considera Transgressiva, ainda, pelo fato de transgredir algumas tradicionais barreiras disciplinares, transitando, sempre que possível, em outras áreas do saber para a construção de pensamentos. Além disso, deriva da prática para, a partir daí, teorizá-la, e não o contrário, e entende o pesquisador e suas escolhas também como parte do objeto de pesquisa, não o separando de sua investigação e considerando a neutralidade científica um mito.

Como metodologia de pesquisa e de análise, nos apoiamos na etnografia digital, visto que não nos interessamos apenas em descrever fatos observados, mas também refletir, de maneira mais aprofundada e complexa possível, sobre as culturas com base nas quais nossa pesquisa foi desenvolvida. Ainda neste sentido, buscamos focalizar como estes comportamentos são desempenhados nas novas tecnologias digitais e suas redes sociais *online* na contemporaneidade.

As análises foram realizadas a partir da teoria de Blommaert sobre as ordens de indexicalidade e, a partir daí, *outscalings* motivados nos comentários das postagens selecionadas. As ordens de indexicalidade se ancoram nos pressupostos das escalas sociolinguísticas, que concebe que as mensagens e pessoas circulam no EspaçoTempo de maneira escalar, ou seja, hierarquicamente, estratificada e de acordo com as relações de poder instauradas entre elas, tomando pesos e significados distintos em diferentes momentos e espaços. Sendo assim, as ordens de indexicalidade são “pistas”, de maneira micro, que são capazes de apontar para determinados Discursos que circulam em um macro espaço. Dentro das hierarquias destas ordens de

indexicalidade, há sujeitos que possuem legitimidade, em determinado momento, para “pular escalas” e, desta maneira, modificar Discursos cristalizados na sociedade. Blommaert chamou este fenômeno de *outscalings*.

Isso posto, trazemos a organização de nossa pesquisa a fim de nortear as leitoras e os leitores que desejam prosseguir na leitura destas reflexões. Nosso trabalho foi estruturado da seguinte forma: Capítulo 1 - Introdução, em que temos o percurso da pesquisadora e a apresentação sucinta dos capítulos do trabalho; capítulo 2 – A pesquisa, em que delimitamos o tema, o problema de pesquisa, apresentamos a justificativa, os objetivos, a metodologia, o percurso histórico do movimento feminista, algumas considerações teórico metodológicas e a relevância do estudo para o campo da Linguística Aplicada; capítulo 3 – Aporte teórico e metodológico, em que apresentamos a Linguística Aplicada Transgressiva; as viradas linguística e cultural; conceitualizações teórico-metodológicas pertinentes à pesquisa (etnografia digital, narrativas autobiográficas, conceitos sobre escalas, ordens de indexicalidade e *outscalings*); capítulo 4 – em que apresentamos as análises realizadas do objeto de pesquisa e, por fim, as referências bibliográficas e anexos.

2 A PESQUISA

Segundo estatísticas, o Facebook contava com 1,94 bilhão de usuários ativos mensalmente (dados de maio de 2017²); sendo 102 milhões de contas ativas de brasileiros (metade da população brasileira)³. Estes números crescem diariamente e torna-se uma tarefa muito difícil acompanhar esta expansão. Especificamente, ao buscar a palavra-chave “feminismo” na barra de pesquisa do site Facebook, contamos hoje com milhares e incontáveis páginas, grupos e perfis que se dedicam ao tema, desde os que apoiam o movimento quanto os que repudiam.

O embate entre o machismo arraigado na sociedade e a luta feminista é real. Ele passa da tela de um dispositivo digital (computador, notebook, tablet, smartphones, etc.) conectado à internet para a vida prática, e seus efeitos podem ser benéficos ou não. Como exemplos de benefícios, podemos pensar na conscientização sobre assuntos diversos (violências contra as mulheres ou aumento de leis que visem o bem-estar das mulheres), discussões sobre saúde, psicologia, amizades e relacionamentos de diversos tipos, empoderamento, moção social em favor das mulheres, entre outros temas que podem ser vividos em relações fora das redes sociais virtuais.

Porém, é necessário citar que esta expansão do tema e da conscientização dos direitos das mulheres está fazendo emergir movimentos contra as temáticas. Percebemos a criação de páginas que incitam o estupro, aumento de insultos contra as mulheres, difamações e outros crimes, que também são vistos como materialização de um ódio sobrevivente, mas que, muitas vezes, estava implícito em comportamentos e Discursos⁴ naturalizados na sociedade. Estes crimes têm se manifestado frequentemente de maneira pública, demonstrando voracidade em discursos de ódio e intenções violentas.

² Dados retirados do site G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/facebookchega-a-194-bilhao-de-usuarios-em-todo-o-mundo-no-1-trimestre-de-2017.ghtml>>. Acesso em 19 de janeiro de 2018.

³ Dados retirados do site oficial do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/business/news/102-milhes-de-brasileiros-compartilham-seusmomentos-no-facebook-todos-os-meses>>. Acesso em 19 de janeiro de 2018.

⁴ É relevante explanar sobre a diferenciação que Gee (1999) nos apresenta e em que nos embasamos. O autor considera que o discurso, escrito de forma minúscula, é aquele veiculado na linguagem em uso e Discurso (maiúsculo) representa o conceito de modos de agir no mundo, objetivando significar identidades e ações culturais socialmente situadas. Estes conceitos são melhor desenvolvidos na seção 3.1.3 deste trabalho, páginas 36-40.

Mas, graças à maior circulação de informações sobre os direitos das mulheres e de leis que as protegem, estão sendo cada vez mais reprimidos, mesmo que por vezes de forma insuficiente e precária.

Uma das maneiras que nós, pesquisadoras mulheres, podemos ajudar nesta luta é refletindo, compartilhando vivências e pensamentos e, desta maneira, tornando pública a temática. Desta forma, acreditamos que os discursos e narrativas sobre o feminismo podem ser estudados sob o viés da Linguística Aplicada Transgressiva (PENNYCOOK, 2006), visto que consideramos que tudo se dá a partir da linguagem, ou seja, nada pode existir fora da linguagem, “os limites da minha linguagem denotam os limites de meu mundo” (WITTGENSTEIN, 1921). Assim, os embates políticos e ideológicos do movimento, que são a base de suas lutas na vida prática estão, antes de tudo, nos discursos.

A partir destas concepções, nos baseamos nos estudos da Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006) em nossa pesquisa, que não se fixa mais apenas na fonte da linguística tradicional, mas busca conexão com outras áreas do saber, como filosofia, pedagogia, psicologia, ciências sociais, antropologia, etc. Esta LA se interessa, entre muitos outros temas, pelas identidades dos sujeitos e como estas são construídas, a partir de sua relação com os processos sócio-históricos e culturais pelos quais os indivíduos são atravessados ao longo da vida.

Ainda dentro da Linguística Aplicada, seguimos um caminho transdisciplinar, em que preferimos adotar os princípios da Linguística Aplicada Transgressiva⁵ (PENNYCOOK, 2006). Neste viés, considera-se todos os processos sociais, psicológicos, culturais e políticos envolvidos nas questões da linguagem e, para ser capaz de dar conta de refletir de uma forma ampla sobre estas questões, expande suas fontes teóricas e multiplica seu campo de atuação para produzir conhecimento. Entender uma LA como transgressiva quer dizer “atravessar (se necessário, *transgredindo*) fronteiras disciplinares convencionais com o fim de desenvolver uma nova agenda de pesquisa” (RAJAGOPALAN,

⁵ Nesta vertente de estudos da Linguística Aplicada há autores que utilizam os termos Transdisciplinar (CELANI), Transgressivo (PENNYCOOK) e Indisciplinar (MOITA LOPES). Ressaltamos que ambos os termos trabalham com pressupostos semelhantes: o de uma Linguística Aplicada política que entende a linguagem como constituidora do ser e que não está limitada ao estudo de ensino de línguas.

2004) e, ainda, como completa Pennycook (2006, p. 73), “tal ideia sugere não meramente pluralismo inter- ou transdisciplinar, mas também em um sentido mais ilícito de atravessar fronteiras proibidas, e talvez, no processo, começar a derrubar algumas dessas cercas disciplinares”.

Desta maneira, sob os olhos de estudos concernentes à área da Linguística Aplicada e, pensando nos entrelaçamentos que os perpassam, objetivamos, com esta pesquisa, analisar Discursos que buscam controlar o comportamento feminino, criando verdades, efeitos de sentido e consequências nas práticas sociais, a partir dos comentários de postagens em páginas feministas da rede social Facebook. Para tanto, analisaremos como os sujeitos das postagens utilizam narrativas autobiográficas como estratégia para uma performance discursiva, a fim de legitimar sua opinião postada e criar *outscalings*⁶ - tática de poder para pular escalas indexicais, em que certas pessoas possuem legitimidade para modificar escalas e, outras, não ⁷ (BLOMMAERT, 2010a); e buscaremos entender, problematizar e expor os sentidos das ordens de indexicalidade que podem ser acionadas com estas narrativas.

A ideia de ordens de indexicalidade (BLOMMAERT, 2010a) funciona baseando-se no conceito das escalas sociolinguísticas que, de acordo com o autor, é um fenômeno que entende as mensagens (discursos) em movimento no EspaçoTempo (de maneira indissociável, ou seja, os percebe de modo simultâneo e complementares) atravessando-o em micro e macro escalas, entendendo o micro como um espaço situado, local, limitado, individual, subjetivo e com tempo momentâneo. O macro trata de uma espacialidade mais ampla, generalizada, translocal, objetiva, com historicidade temporal. Ao viajar no EspaçoTempo, os Discursos circulam e atingem uma área de alcance maior (do micro ao macro) e assumem novos significados.

Desta forma, a metáfora de escalas (conceito oriundo da História e da Geografia social) nos apresenta que os eventos ou fenômenos sociais ocorrem em movimentos verticais no EspaçoTempo, ou seja, de maneira estratificada e

⁶ Tradução: Pular escalas.

⁷ *Outscalings* é a denominação dada por Blommaert (2010a) para o entendimento do fenômeno de pular escalas, no sentido de modificar escalas no micro e no macro espaço. Dessa forma, ao “pular escalas”, o sujeito, usando itens lexicais, gramaticais e estilísticos, transforma uma mensagem de nível micro, situado, para uma mensagem de nível macro, mais objetiva e geral.

hierarquizada de acordo com os poderes atuantes naquele contexto, em micro ou macro escalas.

Blommaert traz o conceito de escalas seguindo os pressupostos de Wallerstein (1997: 1), ao não separar o tempo e espaço, mas, sim, os colocando em uma mesma dimensão. Assim, “todo evento social se desenvolve simultaneamente no espaço e no tempo, muitas vezes em vários espaços imaginados e prazos.” (BLOMMAERT, 2010a, p. 34).

De acordo com o autor, o movimento das mensagens e pessoas no EspaçoTempo são constituídos por normas, expectativas e códigos. Uma mensagem adquire, deste modo, novos significados sempre que viaja em micro e macro escala. Porém, como sujeito sociocultural, suas mensagens respondem às normas sociais e culturais, e é necessário que os envolvidos realizem o caminho em níveis micro e macro para entender determinado Discurso em circulação. (BLOMMAERT, 2010a).

A partir disso, temos as concepções sobre as ordens de indexicalidade, que são “pistas” nos discursos em micro escalas que são capazes de “apontar para” Discursos em macro escalas. Ou seja, de maneiras subjetivas, situadas e individuais, as nossas performances discursivas nos dão pistas dos Discursos objetivos e temporais que circulam em macro escalas e que permeiam o mundo social. Neste sentido, ao performarmos discursos, estamos, além de estabelecendo uma ação pessoal e micro, também mobilizando ordens e processos culturais vastos em questões de espacialidade e temporalidade. “O que significa que a nossa atuação linguística materializa aspectos situados relativos ao momento da interação e também elementos de uma ordenação social maior da qual esse momento situado faz parte.” (BONFIM & ALENCAR, 2017, p. 32).

É importante pensar que esta separação entre micro e macro escala é uma questão hierarquizada culturalmente e que funcionam em função de jogos de poder em circulação na sociedade. Ou seja, quando determinado discurso ganha status de verdade, se cristalizando e normatizando corpos (se transformando em *Discursos*) é uma questão não meramente arbitrária, mas algo que é estratificado e hierarquizado a partir de convenções sociais em determinado contexto.

Baseando-nos na concepção de uma Linguística Aplicada

Indisciplinar/Transgressiva, apresentada por autores como Pennycook (2006), Fabrício (2006), Moita Lopes (2006), realizaremos análises a partir dos comentários de usuárias e usuários em duas postagens que expõem situações em que a sociedade dita regulamentações de comportamentos femininos em páginas da rede social, sendo estas: “Diários de uma feminista” e “Gina Indelicada”:

Com base nessas considerações, estipulamos nossos objetivos: 1) Quais Discursos são mobilizados nos comentários analisados nas postagens e como operam como regulamentações para o comportamento feminino?

2) Quais ordens de indexicalidade são mobilizadas por estas regulamentações?

3) Como as usuárias que comentaram nas postagens estão buscando motivar *outscalings* e como suas narrativas funcionam neste processo?

Como critério para a seleção das páginas, foram eleitas aquelas que: 1 – mostram postagens que abordam a questão norteadora da pesquisa; 2 - possuem maior frequência de atualizações. Para as postagens, utilizamos aquelas que problematizam os Discursos que circulam na sociedade que buscam regular o comportamento social, afetivo e profissional das mulheres, a fim de classificar o que pode ser considerado dentro da normalidade. Como objeto de análise, apresentamos alguns comentários realizados pelas usuárias e usuários das páginas e/ou seguidoras e seguidores, a fim de visualizar os embates que a postagem causa nas redes sociais. Primeiramente, contextualizamos e discutimos as postagens, visando o objetivo de número 1. Nosso foco de análise para os objetivos 2 e 3 de pesquisa será nos comentários dos usuários do Facebook.

Reconhecemos que a relevância deste estudo para a área da Linguística Aplicada se dá em três pontos principais. Primeiramente, ao reivindicar, resistir e reafirmar a importância do espaço e da voz das pesquisadoras mulheres; neste caso eu, Clarice, oriunda da periferia do Rio de Janeiro, graduada em uma universidade federal no extremo sul do Rio Grande do Sul, falando de um objeto de pesquisa que vivencio desde que me foi dado o gênero “feminino”, assumo, desta forma, meu compromisso ético em lutar contra as desigualdades e opressões de gêneros que minha classe sofre nesta sociedade. Em segundo

lugar, pelo fato de que, ao abordarmos as questões de regulamentação do comportamento feminino em uma sociedade patriarcal, temos a chance de desconstruir estes Discursos e reconstruir outros que possibilitem mudanças mais justas nos diferentes âmbitos da vida prática, criando novos sentidos que possibilitem outros modos de sociabilidade para nós mulheres, modificando as construções sociais que nos oprimem e nos fazem crer que temos papéis pré-determinados e imutáveis desde o nascimento. Como nos apresenta Saffioti (1987, p. 08),

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que *pode* operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que *pode* atuar o homem. (grifos da autora).

Muitas das vezes, reproduzimos comportamentos naturalizados na sociedade sem questioná-los, apenas para nos encaixarmos em determinadas normatizações que não nos fazem felizes e não nos ajudam a evoluir como seres humanas autônomas e pensantes. Mais que isso, vamos reproduzindo e imprimindo estas normatizações em nossos descendentes, fortalecendo as opressões que vivemos e dando-lhes combustível para prosseguir ao longo das gerações.

Por fim, ao adotarmos uma maneira de realizar pesquisa em Linguística Aplicada que seja comprometida eticamente com os sujeitos que se encontram às margens da sociedade, no caos, no refúgio da ordem e da pureza (BAUMAN, 1998), entendemos as opressões sofridas pelas mulheres ao longo das décadas. Assim, ao analisar, questionar e problematizar como estes Discursos circulam socialmente ganhando status de verdade, acreditamos estar buscando novas maneiras de modificar estas realidades e quebrar com estes paradigmas que insistem em colocar a mulher em uma posição menosprezada somente utilizando seu gênero como critério. A LA não só considera, mas enfatiza estas questões em sua agenda de investigação, assumindo a responsabilidade social em suas produções científicas.

Reiterando Fabrício (2006, p. 52)

os espaços marginais, bem como o modo de focalizá-los, seriam um *locus* de ocorrência do novo, e com eles poderíamos aprender a “ver

com outros olhos”. As opções políticas envolvidas nesta ótica têm implicações para a construção do presente e de futuros sociais possíveis, menos aprisionados e mais comprometidos com a transformação de situações de exclusão social em diversas áreas, causadoras do sofrimento humano. É em razão dessas possibilidades que as escolhas temáticas e teóricas se justificam, e não em razão de uma superioridade epistemológica. Haveria nesses “territórios subestimados” e nas práticas sociais neles desenvolvidas, bem como na maneira híbrida de construí-las teoricamente, um campo criativo fértil, porque mais liberto de modos de vida consagrados e de sentidos consensuais, para a experimentação do ainda não aventado e do ainda não concebido pelos discursos que circulam no “primeiro” mundo europeu e anglo-saxão.

A partir de uma conscientização sobre os Discursos que nos regulam, podemos ter a chance de realmente nos empoderarmos. Nós resistimos, reivindicamos nosso lugar e exigimos respeitos de maneira igualitária.

2.1 O percurso histórico do feminismo

O movimento social, filosófico e político feminista tem como pauta questionamentos e lutas contra a opressão machista presente em nossa sociedade, que afetam os âmbitos sociais, econômicos, políticos, culturais, acadêmicos, midiáticos, e todos os outros, da vida dos seres humanos como um todo e, especialmente, das mulheres - e seus comportamentos. O feminismo aparece como uma luta que reivindica um panorama de igualdade entre homens e mulheres e que, frente a isso, a mulher possa ter autonomia nas questões relacionadas à sua vida e, inclusive, ao seu corpo. A linguagem, como em todos os aspectos da vida humana, permite construir e desconstruir as relações de poder que irão funcionar na sociedade. Desta forma, nos interessa analisar como a linguagem constrói, reforça e desconstrói certos regimes de verdade no movimento feminista, situado em sua “quarta onda” (MATOS, 2010).

O feminismo como movimento social articulado tem suas raízes, ou primeira onda, reconhecidas nas últimas décadas do século XIX, na Inglaterra (*suffragetes*), com organização de movimentos para o direito feminino ao voto, conquistado em Londres no ano de 1918. É pertinente expor que estas reivindicações eram realizadas por mulheres brancas pois, nesta época, mulheres negras lutavam para serem reconhecidas como seres humanos além

de apenas como escravas e, no período pós-abolição, pouco mudou neste panorama. Além disso, as mulheres negras não tinham nenhum direito a atuações em posições sociais e nem voz dentro da sociedade.

No Brasil, as mulheres tiveram seu direito assegurado ao voto pela primeira vez a partir do Novo Código Eleitoral de 1932, no estado do Rio Grande do Norte. Apesar de as Constituições anteriores (Constituição Imperial e da Constituição Republicana, 1824 e 1891, respectivamente) não proibirem o direito de votar às mulheres, também não lhes outorgava tal direito. Em um primeiro momento, as mulheres se articularam e lutaram por direitos políticos igualitários aos dos homens.

O movimento em favor de direitos para as mulheres teve um período de estagnação de 1930 a 1960 (mas com o lançamento, em 1949, do importante livro de Simone de Beauvoir – *O segundo sexo*), quando então voltaram a surgir articulações com maior força na Europa e nos Estados Unidos. O feminismo teve como fato emblemático o lançamento da pílula anticoncepcional no início dos anos 60, fortalecendo-se e discutindo pautas importantes como as relações de poder entre homens e mulheres, liberdade e autonomia femininas sobre as decisões de sua vida e corpo.

Neste segundo momento, ou segunda onda (PINTO, 2003), então, houve uma articulação feminina contra a ditadura militar (no Brasil), contra a ideia naturalizada da superioridade masculina, em favor do direito ao prazer feminino e contra violência sexual. Foi uma continuação das lutas iniciadas anteriormente nos próprios Estados Unidos e no Reino Unido, caracterizados agora como um feminismo de resistência. O cenário de força e luta feminina foi contemporâneo às revoluções musicais da época no mundo (auge de bandas como Beatles e Rolling Stones), surgimento do movimento *hippie* (Califórnia) e articulações entre estudantes e operários na França e Maio de 68 em Paris.

Enquanto grandes países do mundo viviam um momento de mudanças políticas libertárias, no Brasil o panorama estava contrário. Com os acontecimentos políticos da década de 1960 – renúncia do presidente, golpe militar, instauração da ditadura -, as atividades dos grupos de esquerda foram dificultadas devido à coibição do governo. Apesar disso, os grupos feministas seguiram se articulando e, a partir de 1980, com a redemocratização, retomaram sua força, abrangendo inclusive as classes mais pobres e periféricas em suas

pautas. Anteriormente, o feminismo no Brasil era considerado “da elite branca”, sendo suas militantes basicamente de classe média alta, que foram estudar no exterior e trouxeram a ideologia para o país.

O marco da volta das movimentações e conquista da representatividade feminina foi a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM), em 1985, no governo de José Sarney. Brasil, Lei nº 7.353/85, *in verbis*:

Art. 1º Fica criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM, com a finalidade de promover em âmbito nacional, políticas que visem a eliminar a discriminação da mulher, assegurando-lhe condições de liberdade e de igualdade de direitos, bem como sua plena participação nas atividades políticas, econômicas e culturais do País.

O CNDM promoveu junto com importantes grupos – como o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), de Brasília – uma campanha nacional para a inclusão dos direitos das mulheres na nova carta constitucional.

Em 2003, foi criada a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SEPM), no governo do presidente Lula, com o objetivo de “promover a igualdade entre homens e mulheres e combater todas as formas de preconceito e discriminação herdadas de uma sociedade patriarcal e excludente”⁸. Em maio de 2016, a SEPM passou a vincular-se ao Ministério da Justiça e Cidadania, devido à Medida Provisória nº 726 (Diário Oficial, 16/05/2016), que oficializou a extinção do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos, criado em 2013.

Ainda é de essencial importância citar a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006), instrumento legal mais importante para a erradicação, prevenção e punição da violência contra a mulher. Segundo consta no site do SEPM⁹,

essa Lei tipifica a violência doméstica como uma das formas de violação dos direitos humanos. Altera o Código Penal e possibilita que agressores sejam presos em flagrante, ou tenham sua prisão preventiva decretada, quando ameaçarem a integridade física da mulher. Prevê, ainda, inéditas medidas de proteção para a mulher que corre risco de vida, como o afastamento do agressor do domicílio e a proibição de sua aproximação física da mulher agredida e dos filhos.

⁸ Informação retirada do site oficial da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/sobre/a-secretaria>. Acesso em 15/Out/2016.

⁹ Disponível em: <http://www.spm.gov.br/assuntos/violencia/lei-maria-da-penha>. Acesso em 15/Out/2016.

Como terceira onda do feminismo, temos agora um movimento que se preocupa com as diferenças dentro do gênero feminino, conforme argumenta Matos (2010, p.68),

defrontando-se com novas maneiras de conceber a cultura política e outras formas de se organizar coletivamente, desta vez passaram a se caracterizar por: 1) tentativas de reformas nas instituições consideradas democráticas (com a criação dos Conselhos da Condição Feminina, das Delegacias de Atendimento Especializado às Mulheres, por exemplo); 2) tentativas de reforma do Estado (com a forte participação das mulheres organizadas no processo da Assembléia Constituinte de 1988, por exemplo); 3) busca de uma reconfiguração do espaço público, por meio da forte participação de “novas” articulações dos movimentos de mulheres (mulheres negras, lésbicas, indígenas, rurais etc.); 4) uma posterior especialização e profissionalização do movimento. Este terceiro momento marca o início de uma aproximação cautelosamente construída junto ao Estado.

A autora ainda propõe uma quarta onda do movimento, que estaria engajada no “fluxo horizontal do feminismo”, ou “*feminist sidestreaming*”, que

toma a sério também a direção rumo a arenas paralelas de atuação, seja no âmbito da sociedade civil ou no das fronteiras existentes entre esta e o Estado, e também é perceptível a partir da afirmação da importância de se considerar as fronteiras interseccionais, transversais e transdisciplinares entre gênero, raça, sexualidade, classe e geração.

Esta nova onda é onde se situam os movimentos feministas e os estudos e teorias feministas nas reflexões a partir do pós-estruturalismo.

Seriam movimentos que “levem a sério a existência radical (ainda recente) de circuitos de difusão feministas operados a partir das mais distintas correntes horizontais de feminismos (acadêmico, negro, lésbico, masculino etc.” (MATOS, 2010, p. 68-69). No atual panorama, acreditamos ser nesta quarta onda que o movimento feminista está estabelecido atualmente, visto que estas fronteiras que a autora cita estão cada vez mais presentes nos debates físicos e virtuais, inclusive determinando, na maioria das vezes, a legitimidade do discurso e o local de fala de suas componentes.

Esta quarta onda, situando-se em um período pós-estruturalista, apresenta uma reflexão mais complexa sobre o gênero feminino, inclusive buscando trazê-lo como objeto de pesquisa com as suas especificidades, contra o modelo universalista da ciência estruturalista, de homem como representação da totalidade e universal. Porém, mais que isso, considera outros

atravessamentos que, conjuntamente, influenciam na construção, cristalização e modificação de Discursos, sendo alguns destes: as classes sociais, raça, gêneros, orientações sexuais, etc. Além disso, determinam as opressões que as mulheres sofrem, dependendo de quais destes atravessamentos influenciam seus lugares no mundo. Isto porque, em uma visão pós-estruturalista, citar apenas o fator gênero não seria capaz de permitir uma análise que abarcasse os “Outros¹⁰” (BEAUVOIR, 2000) e suas diferenças quanto ao modelo universal, ou seja, “não resolvia de todo o problema com o universalismo, o essencialismo e o binarismo, que constroem hierarquias e subordinações.” (MARIANO, 2005, p.484). Para isso, seria necessário incluir as próprias categorias dos “Outros”.

Conforme explana Louro (2002, p. 15), estes fatos permitiram uma virada epistemológica, pois

deixava-se de fazer uma história, uma psicologia, ou uma literatura das mulheres, sobre as mulheres e passava-se a analisar a construção social e cultural do feminino e do masculino, atentando para as formas pelas quais os sujeitos se constituíam e eram constituídos, em meio a relações de poder.

Estas circunstâncias contribuíram, assim, para dar voz às mulheres sobre elas mesmas, desconstruindo categorias até então universais (como o de homem e mulher) e permitindo emergir categorias que se encontravam, com suas pluralidades, às margens dos modelos essencialistas. Desta forma, promoveram questionamentos sobre a naturalização de teorias que não eram capazes de dar conta de suas demandas.

Apesar de todas essas medidas ao longo do tempo que visam o bem estar da mulher, a sua inserção em instituições políticas e democráticas, o empoderamento feminino e a luta contra as desigualdades de gênero, a pesquisa realizada em 2013 pelo DataSenado¹¹, setor federal veiculado à Secretaria da

¹⁰ De acordo com Simone de Beauvoir, a mulher não é vista em função dela mesma e de suas particularidades, mas sim em função do homem, o modelo universal para a sociedade/ciência e, inclusive, por seu olhar. Assim, sua imagem é sempre vinculada à subordinação e, o homem, à dominação e poder. Com isso, é vista como o ser que se opõe ao que é o modelo natural. “O sujeito só se põe em se opondo: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto.” e, ainda, “a mulher diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.” (BEAUVOIR, p. 10 e 12).

¹¹ Pesquisa disponível em:

http://www.senado.gov.br/senado/datasenado/pdf/datasenado/DataSenado-PesquisaViolencia_Domestica_contra_a_Mulher_2013.pdf. Acesso em 17/Out/2016.

Transparência do Brasil, aponta que 19% da população feminina nacional já sofreu algum tipo de agressão. Destes, 31% das mulheres ainda vivem com o companheiro e, para agravamento da situação, 14% destas ainda sofrem agressões domésticas. Esta realidade coloca o Brasil em 7º lugar no ranking de 84 países em que foram constatados homicídios femininos, estando em pior situação em relação a quase todos os vizinhos da América do Sul, quase todos os países europeus e todos os países africanos e árabes.

Estes dados alarmantes sobre a violência feminina mostram a urgência de tratar a questão em todos os âmbitos da sociedade, colocando o tema “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira” como pauta da redação do ENEM no ano de 2015, prova de nível nacional no Brasil de maior importância para ingresso no nível superior. Este fato pode ser entendido como um reflexo da efervescência das discussões em torno de opressões de gênero em nossa sociedade.

O feminismo vem ganhando maiores espaços de discussão com a popularização da internet, a partir dos anos 90, e do uso das redes sociais na internet (mídias sociais – Facebook, Twitter, blogs, fóruns, e-groups, sites e aplicativos de mensagens instantâneas, sites de compartilhamento de conteúdos multimídia como Youtube, Vimeo, Instagram, Slideshare, por exemplo) a partir dos anos 2000, pois estes meios facilitam o acesso às informações referentes aos direitos das mulheres na sociedade ao longo do tempo. Com isso, o público que até então não se inteirava do tema tem a oportunidade de entender o movimento social, discutir, construir e desconstruir conceitos e pré-conceitos referentes às questões de gênero em nossa sociedade.

Situado nesta era digital, o movimento feminista utiliza a internet e as mídias sociais para sua militância de forma intensa e contínua. Temos, neste momento, uma realidade visível e crescente no atual panorama mundial do ciberfeminismo, termo utilizado para a articulação entre a luta feminista contemporânea e o espaço cibernético, utilizando a internet e a tecnologia em favor do feminismo.

Ao passo que possibilitam maiores discussões, esclarecimentos e divulgação das ideologias, teorias e ações práticas, as redes são transpassadas por embates político-histórico-culturais, visto que, dentro dos movimentos sociais no geral, e no feminismo especificamente, há entrelaçamentos e vertentes com

opiniões divergentes em diversos pontos e pautas, específicas de acordo com o grupo. Por exemplo: há o feminismo liberal, o interseccional, o marxista, o radical e o feminismo de mulheres negras. De uma maneira geral, todos estes lutam pelo direito feminino às escolhas próprias e direitos iguais quanto ao gênero. Porém, divergem de opiniões sobre questões como sexo biológico, transsexualidade, privilégios, locais de fala, legitimidade do discurso, sistemas sociais, capitalismo, entre outras. Por justamente serem questões chave nas discussões, que influenciam o modo de entender e de fazer a militância, os grupos se separam e configuram-se de modo específico de acordo com seus entendimentos e demandas particulares.

Para este trabalho, consideramos pertinente nos apoiarmos nos conceitos abordados pelo feminismo interseccional (CRENSHAW, 1991; NASH, 2008), que abarca não somente a questão de gênero, mas vários outros entrelaçamentos que constituem o significado, sistemas de opressão e as problematizações de “ser mulher”, como raça, classe, gênero, etc., indo contra a visão universalista da mulher como um ser único, conforme concebido na primeira onda do movimento feminista. De acordo com os pensamentos de Crenshaw (1992, *apud* Nash, 2008, p.89) sobre a teoria feminista interseccional (1992),

a interseccionalidade serve alguns propósitos teóricos e políticos para a bolsa feminista e anti-racista. Primeiro, subverte binários de raça/gênero para o serviço de teorizar a identidade de uma maneira mais complexa. A desestabilização dos binários de raça/gênero é particularmente importante para permitir análises robustas de sites culturais (ou espetáculos) envolvendo raça e gênero. (...) Como a interseccionalidade está em sintonia com assuntos que "existem dentro das margens sobrepostas do discurso racial e de gênero e nas lacunas entre", é uma ferramenta especialmente adequada para capturar e teorizar a simultaneidade de raça e gênero como processos sociais. (tradução nossa).¹²

Nos parece, desta maneira, que as problematizações levantadas pela interseccionalidade dentro do feminismo – as lutas situadas de mulheres que se encontram às margens do sistema e que não se encaixam no padrão de mulher

¹² Texto original: Intersectionality serves a few theoretical and political purposes for both feminist and anti-racist scholarship. First, it subverts race/gender binaries in the service of theorizing identity in a more complex fashion. The destabilization of race/gender binaries is particularly important to enable robust analyses of cultural sites (or spectacles) that implicate both race and gender. (...) Because intersectionality is attuned to subjects who ‘exist y within the overlapping margins of race and gender discourse and in the empty spaces between’, it is a tool particularly adept at capturing and theorizing the simultaneity of race and gender as social processes.

branca, de classe média/alta, heterossexual e cisgênero¹³, podem abarcar as complexidades existentes nas lutas das mulheres na atualidade, ao passo que dá voz também às mulheres marginalizadas e permite que estas tenham voz para suas reivindicações. A interseccionalidade avança na luta feminista ao olhar para estas pessoas silenciadas e excluídas dentro do próprio movimento, assumindo e destacando as diferenças ali existentes para se fazer respeitá-las e, ainda, epistemologicamente, dar voz às sujeitas e sujeitos e permitir que seus questionamentos sejam inteligíveis de acordo com as suas especificidades, pois “convida os estudiosos a chegarem a um acordo com o legado das exclusões de assuntos multiplicativamente marginalizados multiplicativamente marginalizados do trabalho feminista e anti-racista e o impacto dessas ausências na teoria e na prática.” (NASH, 2008, p. 3).

Sem cairmos na armadilha da “falsa inclusão”, é importante ressaltar que, considerando uma mulher multidentitária, fragmentada e fluida, a teoria feminista interseccional entende que a mulher tem como ponto máximo o respeito por suas escolhas pessoais de acordo com suas experiências particulares e, devido a isso, não deve ter sua bagagem cultural social negligenciada em nenhum momento. A interseccionalidade vai contra a ideia do apagamento e da unificação da mulher como um modelo restrito e essencialista.

Todas estas movimentações são (des)construídas através da linguagem. A linguagem é aqui concebida com base nas viradas linguística e performativa, como constituidora do ser e não como mera forma física de transmissão de pensamentos e, ainda, entendendo que o pensamento só existe porque existe linguagem. A partir da virada linguística, em diálogo com concepções pósmodernas, considera-se o sujeito como múltiplo, em constante mudança, com conflitos internos, reflexivo, subjetivo e construtor de sua realidade a partir de seu discurso – é nele e somente a partir dele que o sujeito se constitui. A partir deste entendimento, considera-se a linguagem como criadora das realidades,

¹³ A fim de esclarecimento, consideramos também outros gêneros além dos binários masculino e feminino. De acordo com Malta & Sabbatini (2016, p. 4), “cissexual ou cisgênero são termos utilizados para se referir às pessoas cujo gênero é o mesmo que o designado em seu nascimento.”. Ainda encontramos definições de agêneros (ausência de gêneros), transgêneros (não se identifica com o seu gênero biológico), transexuais (radicalização do transgêneros, com mudança de sexo biológico via cirurgia), andrógenos (mescla dos gêneros masculino e feminino e/ou outros gêneros), entre outros. É importante ressaltar que a lista de definições está em constante modificação e extensão.

entendendo ela por ela mesma, sem ser um mero apêndice ou maneira de expressão do que acontece na vida do ser – ela é a criadora das realidades.

3 APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO

3.1 Bases teóricas

3.1.1 A Linguística Aplicada Transgressiva

A proposta de uma Linguística Aplicada Transgressiva (PENNYCOOK, 2006) baseia-se, primordialmente, no pressuposto de que a linguagem é constituidora do ser humano e, como exposto anteriormente, é criadora das realidades sob as quais a sociedade funciona. Segundo o autor (1998),

o linguista aplicado, partindo de um problema com o qual as pessoas se deparam ao usar a linguagem na prática social e em um contexto de ação, procura subsídios em várias disciplinas que possam iluminar teoricamente a questão em jogo, ou seja, possam ajudar a esclarecê-la. Isso quer dizer que a pesquisa em si é aplicada, isto é, ocorre no contexto de aplicação, e não se faz aplicação em LA. Elabora-se, assim, uma compreensão teórica de natureza interdisciplinar ao colocar-se o problema em estudo na fronteira de duas ou mais ciências, o que as obriga a somarem seus esforços, para, redefinindo o objeto criarem uma nova perspectiva científica.

Em segundo lugar, esta LA deve ser híbrida/mestiça (não ocidentalista): entende-se não como uma disciplina, mas como uma área de estudos que busca em outras áreas do saber pontos convergentes para a produção de conhecimento; uma LA que explora a relação entre teoria e prática e, como afirma Rajagopalan (2011, p. 76),

pensar, não como se pensou durante muito tempo: levar a teoria para a vida prática. Mais que isso, é usar a prática como próprio palco de criação de reflexões teóricas, ou seja, neste âmbito teoria e prática não são coisas diferentes. A teoria é relevante para a prática porque é concebida dentro da prática.

Em um terceiro ponto, ainda relacionado à mestiçagem desta LA, entende-se o papel do pesquisador como parte da pesquisa, afastando a ideia positivista de neutralidade científica e separação entre objeto e pesquisador. Portanto, entende que o pesquisador, ao realizar suas escolhas epistemológicas e metodológicas, seus objetos de pesquisa e as seleções de material que realiza para suas análises, está fazendo parte de sua pesquisa (mesmo que o processo seja inconsciente) ao doar suas experiências e direcionar olhares para determinado estudo.

Ainda, esta LA considera-se as “vozes do Sul” (MOITA LOPES, 2006, p. 100-102), ou seja, dos sujeitos que vivem às margens da sociedade, as minorias que enfrentam dificuldades para serem ouvidas e que muito têm a acrescentar a uma LA engajada politicamente; uma LA que pressupõe a necessidade de um outro sujeito para sua pesquisa, que abandone o modelo de sujeito essencializado da ciência moderna: branco, homem, heterossexual e de classe média. Esta proposta de LA abarca os indivíduos fragmentados, múltiplos, heterogêneos, contraditórios, fluidos. Desta maneira, entende que vivemos sempre um processo de sócio-construção, mutável e nunca estável, que é reinventado, atravessado por culturas e experiências e exposto a realidades sociais de diversos tipos e, por isso, nunca pode ser visto a partir de um único modelo de sujeito homogêneo.

Por fim, esta maneira de se fazer LA, justamente por pressupor essa imensa gama de características humanas socioconstruídas, não vê o sujeito como essencializado. Assim, ao considerar as particularidades com que cada indivíduo se constrói, conta com a ética e o poder como seus novos pilares (MOITA LOPES, 2006, p.96), ao valorizar as especificidades humanas sem julgá-las.

Nesta forma de fazer LA, as escolhas de significados se baseiam em não causar sofrimentos humanos ou que façam mal aos outros. O motivo destas escolhas é evitar uma produção de conhecimentos e de efeitos nas vidas práticas de cunho hegemônico, universalista, que exclui os seres que não se encaixem nas características dadas como necessárias para se localizarem dentro da ordem social de prestígio (ordens de gênero, classe, raça, etnia, etc.). Estes são os quatro pontos principais de uma nova proposta de se fazer pesquisa e teorizar em uma Linguística Aplicada Transgressiva.

Esta ciência transgressora busca ultrapassar os limites existentes das epistemologias das ciências (limites de áreas de estudos, em que as epistemologias permanecem em marcos fixos e inflexíveis, sem utilizar de conceitos de outras áreas) para buscar o entendimento mais complexo das questões de seus novos objetos de pesquisa. Desta forma, concebe a linguagem como prática social e, como tal, pode ser entendida e interpretada de maneiras distintas, podendo apresentar algumas possibilidades de mobilização de Discursos de acordo com os olhos (sujeitos) que as veem e que relações de

poder estão funcionando em determinado momento e espaço. Estas possibilidades são, de certo ponto, limitadas, pois dependem dos fatores citados anteriormente para funcionarem.

Assim, a LA Transgressiva assume um compromisso ético, crítico e promotor de alternativas para mudanças na vida prática da sociedade através de suas pesquisas, realizando-as de forma que estejam voltadas para Discursos da vida social e as realidades que este constroem. Esta LA permite, a partir daí, apontar caminhos que visem à diminuição da desigualdade sobre as diferenças, pois questiona as ordens vigentes e apresenta opções de entendimento sobre os seus objetos de pesquisa, possibilitando às vozes do sul serem ouvidas e consideradas.

Isso é visto como um grande desafio, principalmente quando se trata do papel do pesquisador nesta maneira de fazer pesquisa em LA. De acordo com os pressupostos metodológicos da ciência moderna, o pesquisador deve manter imparcialidade e distância de seu objeto de pesquisa, em busca de uma ciência “pura” e “sem intervenções externas ao objeto”. Em nossa metodologia de investigação, entendemos que o pesquisador pode e faz parte da pesquisa que está realizando, pesquisa esta que é concebida como prática social, uma vez que a escolha de pesquisa, os conceitos que foram pré-construídos, os que serão construídos e desconstruídos, o contexto de pesquisa, entre outros, são parte do sujeito pesquisador e não são escolhidos e utilizados de maneira aleatória – o ser humano é carregado de concepções culturais, ideologias e outros fatores socialmente construídos que o constituem a partir das linguagens. Assim, como argumenta Costa (2002, p.153),

A neutralidade da pesquisa é uma quimera. Pergunte-se permanentemente a quem interessa o que você está pesquisando [grifo do autor]. A pesquisa científica está sempre a serviço de algo ou de alguém. Os saberes são produzidos obedecendo a regimes de verdade que seguem regras específicas de acordo com a racionalidade de uma época. Estas racionalidades são radicalmente históricas e correspondem a interesses situados e datados. Não existe produção de saber fora de jogos de poder.

Pois, se fazemos parte de um contexto globalizado, em que as culturas são híbridas e mutantes, e não estáveis, imóveis e eternamente duradouras, não

faria sentido conceber o ser humano pesquisador de qualquer forma que fosse diferente deste complexo enredo de poderes.

A proposta de uma Linguística Aplicada Transgressiva, por não se centrar mais apenas no ensino e na aprendizagem de línguas, viu-se necessitada a expandir também seu campo de investigação. Ao desbravar outros contextos que não apenas os de salas de aula, ela trabalha de forma interdisciplinar. Como aponta Moita Lopes (2006, p. 27), a visão implícita desta nova proposta de LA dispõe da

possibilidade política de que a pesquisa contemple outras histórias sobre quem somos ou outras formas de sociabilidade que tragam para o centro de atenção vidas marginalizadas do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade, etc. Esse percurso parece essencial, uma vez que tais vozes podem não só apresentar alternativas para entender o mundo contemporâneo como também colaborar na construção de uma agenda anti-hegemônica em um mundo globalizado, ao mesmo tempo em que redescreve a vida social e as formas de conhecê-la.

Entender uma LA Transgressiva, ou qualquer outra definição que siga a ideia de uma LA liberta de padrões disciplinares e limites epistemológicos, vai além de conversar com outras disciplinas e usar das concepções destas para desenvolver seus estudos e pesquisas, mas também de andar por caminhos proibidos; significa ser transgressora, interessada em justamente transgredir limites políticos e do pensamento, e em abordar assuntos tabus e que não possuem espaço até então no campo de estudos da linguagem, mas que permeiam a vida social e configuram significados múltiplos.

Ainda, fazer pesquisa dentro desta perspectiva de LA Transgressiva pressupõe limites teóricos a serem transpostos, visto que consideramos que a vida social é complexa demais para lidar apenas sob uma perspectiva teórica e, além de tudo, partir da busca de uma teoria que faça sentido para as situações cotidianas. A LA Transgressiva trabalha de forma inversa: parte do objeto de pesquisa e, somente depois, seleciona as teorias que podem auxiliar a entender os múltiplos atravessamentos pelos quais somos tomados no decorrer da vida, diariamente. Estas teorias selecionadas podem fazer parte dos mais diversos arcabouços epistemológicos, não apenas proveniente das ciências da linguagem. Pennycook (2006, p.82-83) adota esta perspectiva de se fazer pesquisa em Linguística Aplicada de Transgressiva pois, como define,

se refere à necessidade crucial de ter instrumentos tanto políticos como epistemológicos para transgredir as fronteiras do pensamento e da política tradicionais. (...) Assinala a intenção de transgredir, política e teoricamente, os limites do pensamento e da ação tradicionais, não somente entrando em território proibido, mas tentando pensar o que não deveria ser pensado, fazer o que não deveria ser feito. Almeja atravessar fronteiras e quebrar regras; tem como meta um posicionamento reflexivo sobre o que e por que atravessa; é entendida como em movimento em vez de considerar aquilo em relação ao que é 'pós'; é pensada para a ação e a mudança. (...) A LA Transgressiva está sempre engajada em práticas problematizadoras. (...) Considera as implicações das viradas linguística, somática e performativa.

Consideramos, assim, nosso objeto de pesquisa como transgressivo, ao encontrar-se na vida social, ao fazer parte de uma realidade dura e geralmente abordada epistemologicamente em áreas das ciências sociais e humanas. A luta do feminismo é vista aqui como um embate discursivo com efeitos na vida prática da sociedade como um todo e, de forma mais incisiva, na vida das mulheres, sejam estas cis ou transgêneros. Diante disso, ao considerarmos que as práticas sociais são pautadas a partir da linguagem, nossa pesquisa visa a entender como estas práticas são socialmente construídas e, a partir daí, apresentar alternativas para que haja mudanças benéficas significativas.

3.1.2 As viradas linguística e cultural

A virada linguística, também conhecida como *linguistic turn*, caracterize-se pelos rumos que a filosofia assumiu a partir do século XX. Na era da Modernidade¹⁴, a filosofia buscou entendimento sobre a inteligência, a razão, a ciência, o empirismo e a verdade, valorizando o racionalismo e o antropocentrismo frente a juízos religiosos e míticos, por exemplo. A filosofia contemporânea (na Modernidade tardia) passou a ver o sujeito como ser múltiplo e a linguagem como ação, em que o indivíduo não consegue criar o real sem a linguagem (e não concebe apenas a linguagem como instrumento para

¹⁴ A fim de contextualização histórica, situamos aqui como era Moderna, porém, para este trabalho, consideramos nossa era como Modernidade Tardia (GIDDENS, 1991), em que refletimos constantemente sobre nós mesmos. Desta forma, não nos significa que a era Moderna acabou totalmente, mas que estamos atualmente em uma busca por resignificar os conceitos essencializados por ela.

expressão do real). Desta maneira, a linguagem constitui o sujeito e suas práticas socioculturais, não sendo vista mais como algo separado do ser, ou um objeto que se pode alcançar e estudar separadamente de outros processos históricos, ou ainda algo que independe do sujeito para sua construção, produção e significação. De acordo com Nigro (2007, p.32),

Com efeito, a relação entre a linguagem e o mundo não pode ser explicada logicamente porque o “mundo” é linguagem. A linguagem sempre já é anterior a toda pergunta específica sobre qualquer coisa no mundo. A linguagem abre o mundo, ela tem papel constitutivo na nossa relação com o mundo, mas não é um objeto do mundo e, por isso, não podemos simplesmente submetê-la às distinções tradicionais, como entre “realidade” e “representação”.

Sendo assim, adotamos, sob esta perspectiva da LA, que não há uma realidade a ser descrita pela linguagem, não há um mundo real pré-fabricado e pronto para ser nomeado, classificado e separado a partir da linguagem: o mundo e as verdades que nele circulam são linguisticamente construídas.

Pensando em um panorama que levou à virada linguística, o qual se deu primordialmente na filosofia, temos, primeiramente, a era em que os gregos antigos perguntavam sobre a realidade; os modernos, com Descartes, passaram a perguntar sobre o conhecimento da realidade e, assim, criaram a dualidade sujeito-objeto. Porém, de acordo com Leite (2016), “pensadores a partir do século XX entenderam que a linguagem não é apenas a expressão de pensamentos e, sim, a maquinaria do próprio pensamento e a única forma pela qual acessamos o pensamento, nosso e de outrem.”.

Este ponto é o centro da virada linguística: os filósofos tenderam, então, a centrar atenção na linguagem. A filosofia da linguagem ganhou um impulso muito grande no século XX e tende a chamar a atenção, ainda, como ponto central, no século XXI (OLIVEIRA, 2001). A partir da virada linguística, em diálogo com concepções pós-modernas, considera-se o sujeito como múltiplo, em constante mudança, com conflitos internos, reflexivo, subjetivo e construtor de sua realidade a partir de seu discurso – é nele e somente a partir dele que os sujeitos se constituem.

Deste modo, a linguagem é entendida como atividade, como sistema de ações simbólicas realizadas em determinados contextos sociais e comunicativos que produzem efeitos e consequências semânticas convencionais. O significado

de uma palavra é o uso na linguagem e falar uma língua é uma prática social ou uma forma de vida (FABRÍCIO, 2006, p. 57).

A virada linguística ocorreu atrelada ao processo da virada cultural, em que se concebe a cultura como algo fundamental e determinante em relação aos sujeitos e sua significação no mundo em todos os âmbitos. A partir daí, entende-se que a constituição do sujeito social e de sua subjetividade é atravessada pela cultura, sendo estes dois processos não vistos mais como independentes entre si.

Para entendermos o processo da virada cultural, nos parece interessante explicar prioritariamente o que compreendemos, neste estudo, como cultura, a partir de conceituações advindas dos Estudos Culturais. É importante ressaltar que não nos interessa permanecer no binarismo recorrente entre alta cultura e cultura popular. Primeiramente, porque esta linha que os limita se encontra imprecisa, se tornando injustificável classificar determinada cultura como exclusivamente erudita ou popular. Esta classificação é arbitrária, pois além de depender de uma gama de complexos fatores sociais, históricos, políticos, econômicos e midiáticos, depende também dos olhos de quem a vê e a classifica, de quê lugar este sujeito está falando, a serviço de quem, com quais objetivos e de acordo com quais ideologias construídas. Para nós, cabe pensarmos em culturas como práticas sociais repletas de significados, sem necessidade de realizar juízos de valores, buscando entendê-las a partir dos olhares de seus praticantes para evitar intolerâncias e julgamentos preconceituosos. Como Hall (1997) defende,

toda prática social depende e tem relação com o significado: consequentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural. Não que não haja nada além do discurso, mas que toda prática social tem o seu caráter discursivo. Toda prática social depende e tem relação com o significado. (HALL, 1997, p. 32-33)

Isso se justifica pois, ao falarmos de culturas e linguagens, é importante nos atermos ao fato de que consideramos que nenhuma prática social é vazia de significados e, se postulamos que as práticas sociais existem porque há uma linguagem para construí-las, colocamos também que toda prática social é

cultural, advinda de uma bagagem de significados múltiplos e em constante mutação.

Esta nova visão da linguagem e das culturas como centro da constituição do ser complexo, fragmentado, em constante mutação, multifacetado e multi-identitário norteia nossa pesquisa ao tratarmos de problemas sociais de gêneros em relação ao uso da linguagem.

3.1.3 d/Discursos

Nesta seção, aprofundaremos a questão do *d*iscurso, com “d” minúsculo, e o *D*iscurso, com “D” maiúsculo segundo James Paul Gee (1999) e, em seguida, refletiremos acerca do conceito com relação às ordens de indexicalidade (BLOMMAERT, 2010a) e aos jogos de poder conforme explicações de Foucault (1979).

Conforme exposto anteriormente, a diferenciação entre discurso, com *d* minúsculo, e Discurso, com *D* maiúsculo, é utilizada para nos ajudar a entender o funcionamento da linguagem na vida social, envolvida nos modos de sociabilidade dos sujeitos. Os *d*iscursos são aqui entendidos como a linguagem em uso, como por exemplo: trechos de conversas e histórias. Neste estudo, nossa preocupação se foca nos *D*iscursos, que são os discursos que significam as identidades, conforme posto por Gee (1999, p. 17),

associações socialmente aceitas entre maneiras de usar linguagens, pensamentos, valores, ações, interações em lugares “certos”, momentos “certos”, com objetos “certos” (associações que podem ser usadas para identificar alguém como membro de um grupo social significativo ou “rede social”) (grifos do autor).¹⁵

Ou seja, os *D*iscursos seriam a linguagem utilizada *mais alguma coisa* que possa nos dar algumas pistas de significados, pensamentos, ações, valores, crenças, símbolos e objetos que podem ser usados para reconhecimento cultural dos sujeitos. Os *D*iscursos estão sempre relacionados ao meio e às instituições

¹⁵ Texto original: Such socially accepted associations among ways of using language, of thinking, valuing, acting, and interacting, in the “right” places and at the “right” times with the “right” objects (associations that can be used to identify oneself as a member of a socially meaningful group or “social network”).

sociais, sempre envolvendo “adereços” para que sejam entendidos. “Quando um discurso com ‘d minúsculo’ é fundido integralmente a ‘algo’ não-linguístico para desempenhar identidades e atividades, então, eu digo que um Discurso ‘com D maiúsculo’ está envolvido.” (grifos do autor)¹⁶ (GEE, 1999, p. 07). Os Discursos são uma estratégia para reconhecimento de sujeitos, de acordo com suas ações no mundo (atividades culturais). Se determinado sujeito age de determinada maneira, em um EspaçoTempo determinado, e isso permite o seu reconhecimento como pertencente a um grupo social, então ele mobiliza Discursos. Para ser reconhecido, o sujeito precisa ter realizado algo suficientemente similar a outras performances (GEE, 1999, p. 18).

Estes Discursos são cristalizados na história das sociedades, criando verdades que são usadas para controle de comportamentos. Os discursos se transformam em Discursos de acordo com as relações de poder em funcionamento no EspaçoTempo, de maneira não vertical ou linear. Os

Discursos que estabelecemos existiam antes de cada um de nós chegar na cena e muitos deles irão existir ao longo do tempo depois de termos deixado a cena. Discursos, através de nossas palavras e atos, carregam conversas com cada um através da história e, fazendo isso, então, formam a história humana¹⁷. (GEE, 1999, p. 18).

Como dito anteriormente, os sujeitos necessitam realizar ações razoavelmente similares a outras performances para serem reconhecidos/mobilizar Discursos. Porém, se o sujeito realiza ações diferentes das que foram feitas antes e, mesmo assim a performance é reconhecida e mobiliza Discursos, “isso pode simultaneamente mudar e transformar os Discursos” (GEE, 1999, p. 18). Neste ponto é que reconhecemos como possibilidade de relação com a teoria das ordens de indexicalidade e *outscalings* de Blommaert (2010a). Consideramos, então, os *d*iscursos como ações que circulam em escalas no micro espaço e podem motivar *D*iscursos (ações que circulam no macro espaço).

Utilizando o exemplo do machismo no trânsito, ao reproduzir uma opinião de que mulher não dirige bem apenas por ser mulher, ou que seu lugar é no

¹⁶ Texto original: When “little d” discourse (language-in-use) is melded integrally with nonlanguage “stuff” to enact specific identities and activities, then, I say that “big D” Discourses are involved.

¹⁷ Texto original: The Discourses we enact existed before each of us came on the scene and most of them will exist long after we have left the scene. Discourses, through our words and deeds, carry on conversations with each other through history, and, in doing so, form human history.

fogão, o sujeito mobiliza um Discurso (macro espaço) de que a mulher tem um papel pré-determinado na vida por ser mulher: de cuidar de casa e não deve alterar esta ordem social. Ao dirigir bem, ocupar cargos de motorista, citar pesquisas que demonstrem a boa habilidade feminina na direção, por exemplo, a mulher realiza um discurso que contém informações o suficiente para entender um Discurso que circula na sociedade; porém, ao agir contra este Discurso, cria *outscalings* que são capazes de modificá-lo.

Pensando na militância do movimento feminista interseccional e suas pautas, este é um dos objetivos: modificar Discursos que permitam a autonomia da mulher sobre o seu corpo e suas decisões na vida, sem que sofra retaliações por isso. Para que isso seja possível, o movimento busca problematizar os Discursos que possuem status de verdade, para que a sociedade reflita sobre seus efeitos na vida prática. Além disso, funcionam em função de jogos de poder, com força e resistência coexistindo.

Ainda, deve-se pensar nas minorias sociais (podemos citar as negras/negros, mulheres, portadores de necessidades especiais, moradores de periferias, etc.), as vozes do Sul, que sofrem com as regulamentações impostas de maneira mais aguda. Por se situarem socialmente de maneira desigual e terem suas vozes historicamente silenciadas, estas minorias encontram dificuldade em modificar os Discursos que afetam suas vidas e suas realidades. Por este motivo, os embates, resistências e lutas por legitimidade de voz são sempre muito mais intensos nestes espaços. Porém, dentro dos próprios espaços de minorias, há desigualdade quanto à legitimidade de voz, pois o poder é circular e não vertical. Não é algo que se possa deter e nem que seja estável. Foucault (1979, p. X),

Não o considera (o poder) como uma realidade que possua uma natureza, essência que procuraria definir por suas características universais. Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente.

Sendo assim, entendemos o poder como fluido, circular, e seu exercício como articulado entre as instituições existentes e/ou entre os sujeitos que possuem determinada legitimidade em um certo EspaçoTempo. É o que ele se refere como “Microfísica do poder”, considerando-o em suas extremidades e

suas formas locais, quando se trata tanto de um “deslocamento do espaço da análise quanto do nível em que esta se efetua.” (FOUCAULT, 1979, p. XII). Desta maneira, as análises de Foucault

indicaram claramente que os poderes periféricos e moleculares não foram confiscados e absorvidos pelo aparelho de Estado. Não são necessariamente criados pelo Estado, nem, se nasceram fora dele, foram inevitavelmente reduzidos a uma forma ou manifestação do aparelho central. Os poderes se exercem em níveis variados e em pontos diferentes da rede social e neste complexo os micro-poderes existem integrados ou não ao Estado. (FOUCAULT, 1979, p. XII).

Estes micro poderes, em funcionamento articuladamente entre si, perpassam os grupos sociais e afetam as práticas sociais dos indivíduos, transformando ou mantendo seus comportamentos. Os Discursos, assim, coagem e controlam os corpos, em função de determinados jogos de poder em determinados EspaçoTempos. Como nos situa Moita Lopes (2002, p. 31), “a construção social do significado é situada em circunstâncias sócio históricas particulares e é mediada por práticas discursivas específicas nas quais os participantes estão posicionados em relações de poder”.

3.1.4 Escalas sociolinguísticas

O conceito de escalas é necessário de ser aprofundado pelo fato de todo entendimento sobre ordens de indexicalidade e *outscalings* de Blommaert (2010a) serem baseados em tal concepção. Fairclough (2006) utilizou esta ideia, oriunda de campos como a história e a geografia social, para uma compreensão sobre o movimento de mensagens e pessoas constituído por normas, expectativas e códigos no EspaçoTempo. Blommaert (2010a) sugere que estes movimentos devem ser vistos de forma vertical e não horizontal, considerando a natureza não unificada do fenômeno sociolinguístico. Além disso, utiliza a forma EspaçoTempo como eventos únicos, pois “cada evento social desenvolve-se simultaneamente no espaço e no tempo, com frequência em múltiplos espaços imaginados e enquadramentos de tempo.” (BLOMMAERT, 2010a, p. 34).

A metáfora das escalas sociolinguísticas é uma noção utilizada para entender que as coisas são de ordens diferentes e estão hierarquicamente justapostas (estratificadas); circulam entre o micro e o macro espaço. Por micro

espaço, entendemos como *discursos* situados em nível pessoal; por macro espaço, relacionamos com os *Discursos* que circulam em níveis maiores, construindo verdades que podem controlar os modos de sociabilidade dos sujeitos, que Blommaert, 2010a, p. 33), explana como

essa dualidade em que a língua ocorre tanto como fenômeno individual, único e de uma só época quanto simultaneamente como fenômeno coletivo e relativamente estável, foi frequentemente capturada sob rótulos como “micro” e “macro”.

Pensemos, por exemplo, na emissão do enunciado “mulher não sabe dirigir”. Em algum momento na história, esta ideia foi construída e reforçada pela realidade da valorização da figura do homem como detentor de certas habilidades. Com um panorama social patriarcal, esta verdade foi reforçando-se e cristalizando-se ao longo do tempo, ao mesmo tempo em que um movimento de resistência por parte das mulheres foi crescendo. Ao longo do tempo, as relações de gêneros possuem uma hierarquia que coloca a mulher como cuidadora dos lares e da família, sendo uma figura que é responsável por afazeres domésticos em níveis de perfeição para que fosse valorizada. O homem, entretanto, aparece ao longo do tempo como figura forte, dominadora, que não deve se preocupar com serviços domésticos e, sim, apenas em prover alimentos, defender a família (retomamos a representação do homem sempre mais alto que a mulher, remetendo à superioridade) se responsabilizar por funções com maquinarias de grande porte – e isso incluiu veículos.

Num momento em que a mulher começou a ocupar estes espaços antes genuinamente masculinos, foi um movimento de resistência. Através do discurso, então, buscou-se conter esta nova realidade, emitindo enunciados que fossem capazes de reforçar a ordem até então estabelecida. Isto pode ser observado ao, por exemplo, dizer em diversos grupos brasileiros “mulher no volante...”, sem completar a sentença. Há grandes chances de a maioria dos envolvidos entenderem o que se quer dizer, e completar o dito popular “perigo constante”. Então, desta forma, ao emitir um *discurso* em nível micro, pessoal, local, o sujeito mobiliza um *Discurso* cristalizado em nível macro, impessoal e translocal. Muitas vezes inconscientemente, os sujeitos remetem a verdades construídas há séculos, como o fato de a mulher não ser bem quista dirigindo veículos em certo momento da história e, além disso, reforçam estes *Discursos*, causando

desigualdades, sofrimento e violências – tudo através da linguagem. Desta forma, “todo evento social desenvolve-se simultaneamente em espaço e tempo, frequentemente, em múltiplos espaços imaginados e classificações de tempo” (BLOMMAERT, 2010a. p. 34).

É preciso considerar, porém, que estes entendimentos são socioculturais, pois as mensagens assumem novos significados sempre que viajam entre micro e macro escala. Os falantes envolvidos necessitam percorrer o entendimento do micro e no macro e criar uma interpretação a partir disso. As escalas assumem uma conexão indexicalizada entre si, pois a compreensão de uma mensagem depende de normas sociais e culturais indexicalizadas. Ainda utilizando o exemplo anterior, pensemos em culturas que percebem a mulher como seres emancipados e, por isso, fomentam a autonomia dos indivíduos independente de seus gêneros. Neste caso, o mesmo enunciado, quando proferido, não irá mobilizar o mesmo Discurso, pois as verdades socioconstruídas, neste caso, são diferentes, já que “no contexto da globalização, recursos linguísticos mudam valor, função, direito de propriedade/domínios, e assim por diante, porque eles podem ser inseridos em padrões de mobilidade” (BLOMMAERT, 2010a, p. 32). Desta forma, a hierarquização das escalas é diferente, também. Mais uma vez, não podemos pensar em discursos em um vácuo social (MOITA LOPES, 2001).

Portanto, o conceito de escalas é oriundo da geografia e nos permite considerar o movimento TemporalEspacial dos discursos, entendendo-os a partir de estruturas estratificadas hierarquicamente e socioculturalmente construídas no micro e no macro espaço. Desta forma, a circulação dos discursos, de acordo com as relações de poder, é capaz de manter, naturalizar e modificar discursos/comportamentos humanos.

3.1.5 Ordens de indexicalidade e *outscalings* motivados nos embates feministas

Nosso estudo se baseia na premissa de que a linguagem é constituidora do ser e, como tal, criadora, reafirmadora e modificadora de realidades. Neste

âmbito, entendemos que as verdades que circulam na vida social dos seres são socialmente construídas e são perpassadas por relações de poder; estas regulam comportamentos sociais da vida prática dos sujeitos, provocando ações e reações que ecoam nos mais diversos âmbitos sociais.

Como já exposto, estas relações de poder podem ser observadas na sociedade como um todo, não havendo uma única instituição que o detenha ou sirva de ponto principal para sua identificação, pois o poder atravessa a sociedade e posiciona as pessoas diferentemente e define os modos de sociabilidade dos sujeitos (MOITA LOPES, 2002).

Sendo assim, os poderes podem ser observados tanto em meios midiáticos quanto em instituições religiosas, passando por órgãos econômicos, políticos, questões culturais e de gêneros, por exemplo. Neste estudo buscaremos analisar as ordens de indexicalidade (BLOMMAERT, 2010a) motivadas nos embates feministas, observando estes jogos de poder que atravessam as relações de gêneros em nossa realidade, pensando a *Web 2.0* como plataforma para estes embates.

Segundo Blommaert (2010a, p. 38-39), a ordem de indexicalidade “é um conceito de sensibilização que deve indexicalizar ('apontar um dedo para') aspectos importantes de poder e desigualdade no campo da semiose”. No funcionamento destas ordens de indexicalidade, entendemos que as normas, valores e ideologias de uma sociedade são impulsionados no micro - fenômeno individual, único e de uma só época, ou no macro espaço - fenômeno coletivo e relativamente estável (BLOMMAERT, 2010a) (também apresentados através dos termos escala pessoal/impessoal e escala local/translocal), a partir dos sujeitos que os produzem.

De acordo com o autor, as ordens de indexicalidade nos mostram que discursos locais, em micro escala, nos apontam para os Discursos cristalizados na sociedade (que circulam em macro escala e, intrínseco a eles, as ideologias que perpassam o espaço-tempo na sociedade). No caso de discursos machistas, por exemplo, os discursos proferidos na micro escala mobilizam ordens de indexicalidade que corroboram o controle sobre o comportamento feminino e a responsabilidade feminina sobre atos alheios caso a mulher não haja da maneira esperada por estes Discursos. Por exemplo, ao proferir “a mulher estava pedindo o estupro, pois estava com uma roupa curta/decotada”, o autor deste comentário

mobiliza um Discurso de que a mulher é culpada caso seja estuprada, pois deveria cobrir seu corpo para que o estuprador não cometesse o crime. Desta forma, a ordem de indexicalidade mobilizada aponta que a culpa do estupro é da mulher, que a mulher deve vestir-se adequadamente para evitar este crime e, ainda, caso este ocorra, o motivo nunca é o criminoso e sim a mulher, que não agiu conforme o esperado.

Blommaert teve sua inspiração na “Ordem do Discurso”, de Foucault, ao apresentar que o discurso regulamenta estas ordens de indexicalidade, e estas irão apontar os valores que permeiam a sociedade. A ordem do discurso é compreendida como

procedimentos impostos ou por qualquer sociedade ou pelo próprio discurso que controlam as produções discursivas, ora fazendo emergir alguns discursos, ora outros, relacionando-se aos valores normatizados, hierarquizados, estratificados e apontados no processo de indexicalização de Discursos (MELO & MOITA LOPES, 2014, p. 660).

Portanto, podemos entender as ordens de indexicalidade como procedimentos controladores dos Discursos na sociedade, que irão significar seus valores, apontando para determinadas interpretações de acordo com os jogos de poder em que estarão funcionando. Para Melo & Moita Lopes (2014, p. 661), “a ordem indexical é produtiva, porque constrói categorias no mundo social que podem se cristalizar no decorrer do tempo e da história, criando, assim, modos essencializados e específicos para certos sujeitos e grupos sociais.”. Esta seria a primeira maneira que as indexicalidades podem ser ordenadas, construindo “estereótipos” ou “expectativas” para determinados sujeitos no mundo social. Por exemplo, ao nascer e ser declarada mulher, há uma expectativa social de que esta goste de rosa, performe feminilidade e queira casar-se e ter filhos.

Em segundo modo, de acordo com Blommaert (2010a), as ordens de indexicalidade também podem ser verificadas por meio de escalas locais e translocais,

Os eventos ou fenômenos sociais (...) ocorrem simultaneamente no espaço e no tempo, sendo indissociáveis e contextualizados socialmente; uma escala em nível pessoal (local) pode ser situada em uma escala impessoal ou genérica (translocal), por exemplo, e nesta situação é relevante considerar a questão de espaço e tempo, a

hierarquização, a estratificação e a relação de poder instauradas entre elas, visto que escalas diferenciadas apontam para níveis distintos de normalização entre os sentidos (de/co)notacionais. (MELO & MOITA LOPES, 2014, p. 661).

Neste sentido, as ordens de indexicalidade permitem entender como determinadas performances discursivas são capazes de mobilizar os Discursos cristalizados ao longo do tempo e a circulação das relações de poder nestes processos.

Como apresentamos em nosso estudo, os Discursos da cultura machista e de um sistema patriarcal buscam regular os comportamentos femininos fazendo com que estes sejam performados de acordo com certos preceitos socialmente construídos. Desta forma, nos jogos de poder, os múltiplos significados e a voz que as mulheres buscam construir são constantemente depreciados. Porém, estes significados continuam ecoando, principalmente a partir da popularização da internet.

Deste modo, estas mulheres feministas tentam deslegitimar os discursos que controlam seus modos de vida, suas sexualidades e suas escolhas. Através do jogo de poder por meio da linguagem, estes Discursos em alta escala (naturalizados) estão sendo desconstruídos e podemos perceber uma união entre as feministas para que produzam outros níveis de escalas, buscando estratégias como o “*outscaling*” (tática de poder em que certas pessoas possuem legitimidade para modificar escalas e, outras, não) retirando as presenças e opiniões masculinas das discussões, por exemplo, a fim de modificar o regime de poder e desigualdade de gênero. Ao criar *outscalings*, as mulheres feministas desencadeiam uma série de ordens de indexicalidades dentro do movimento: a valorização e legitimação da voz feminina, como por exemplo, a consideração do relato de uma vítima de estupro antes de duvidar de sua veracidade. Em diversos relatos, são observados o questionamento da veracidade do relato da vítima, com enunciados como “mas tem que ver se foi isso mesmo”, “será que ela não quis?”, “será que essa mulher não estava usando uma roupa curta ou estava num ambiente inadequado”, “será que ela não estava bêbada?”, “cuidado pra não estragar a vida do homem por uma mentira”, entre outros. Estas são grandes reclamações por conta das mulheres feministas em casos de abusos

sexuais: as dificuldades encontradas pelas vítimas ao procurarem ajuda policial ou judicial e o julgamento social.

No espaço do movimento feminista, o homem não possui *outscaling* para colocar sua opinião e tê-la considerada. Assume-se que em uma sociedade patriarcal, o homem possui legitimidade para regulamentar as práticas femininas e, sendo assim, uma maneira de lutar contra esta desigualdade de gênero é então ouvir e legitimar as falas femininas em uma escala micro (dentro do movimento), a fim de mobilizar as escalas macro (sociedade). Para Blommaert, (2010a, p. 36), “a ação de ‘pular as escalas’ depende do acesso a recursos discursivos que indexalizam e iconicizam níveis de escala particulares, e esse acesso é um objeto de desigualdade.” E, ainda, “tudo isso foi produzido através de simples operações gramaticais, estilísticas e genéricas no enunciado: pequenas pistas formais que liberam significados indexicais densos”. Estas escalas funcionam a partir do poder e da desigualdade, em que estas mesmas “fornecem contextos com possíveis regulações de acesso”.

O discurso social e culturalmente construído de que a mulher deve comportar-se de acordo com preceitos ditados por uma sociedade que entende a mulher como submissa e menos capaz que o homem, inicialmente em menor escala de tempo-espaço, ou seja, situado, específico, subjetivo local e momentâneo, ao adquirir status de verdade transformando-se em uma macro escala, pode se tornar uma verdade duradoura, coletiva, generalizada, homogênea, translocal e difundida nos jogos de poder construídos pela linguagem.

3.1.6 Narrativas autobiográficas – uma estratégia

As narrativas autobiográficas são um recurso para reconstruir e compartilhar ações sociais, em que o narrador elege a linguagem, os fatos enfatizados e sua a ordem cronológica, os recursos linguísticos, entre outras

estratégias linguísticas, para contar, relatar, narrar suas experiências a um interlocutor, com determinados motivos. Desta maneira, ele cria uma versão no momento em que constrói esta narrativa, e esta pode modificar-se quantas vezes for contada novamente, de acordo com a vontade do próprio narrador. Do outro lado desta ação de narrar alguma experiência, entra em jogo também a interpretação do interlocutor que está participando desta reconstrução, com toda esta ação de interpretar sendo atravessada por sua bagagem cultural, ou seja, o interlocutor irá tirar suas conclusões do que está ouvindo a partir de suas próprias experiências de vida. Corroborando a ideia de Lindón (1999, p.298),

podemos concluir que um dos traços que identificam as narrativas ou os relatos autobiográficos é, precisamente, seu caráter “experiencial”. Se narram experiências vividas pelo narrador, recordadas, interpretadas, conectadas, em que há outros atores, mas sempre são experiências de quem fala. (tradução nossa).¹⁸

Culturalmente, as narrativas autobiográficas estão presentes na vida da sociedade por gerações. Podemos ver o ato de narrar histórias pessoais em diversos contextos sociais com motivos variados, com cunho moral, educativo, para entretenimento, como hábito em tradições familiares e em práticas religiosas. Em bíblias sagradas (cristãs, judaicas, muçulmanas), o conteúdo é apresentado em forma de narrativas para os seus seguidores, e estes constroem metáforas e interpretações diversas. Estes fatos são exemplos de ações que utilizam as narrativas – autobiográficas ou não, como estratégias linguísticas para se atingir determinados objetivos.

A narrativa pode ser entendida como prática social, em que se externa e permite ao outro o conhecimento de experiências próprias, visto que “quem somos é sustentado por nossas interações contínuas com os outros, e a maneira como nos posicionamos em relação aos outros” (SCHIFFRIN, 1996, p.197). Ao interlocutor é dada uma chance de olhar o mundo a partir das lentes do narrador e, a partir daí, construir também suas experiências. Assim,

se produz uma ‘tradução’ do íntimo das experiências vividas, a formas compartilhadas socialmente, por meio da linguagem. Essa tradução

¹⁸ Texto original: Podemos concluir que uno de los rasgos que identifican a las narrativas o los relatos autobiográficos es, precisamente, su carácter “experiencial”. Se narran experiencias vividas por el narrador, recordadas, interpretadas, conectadas, en las que hay otros actores, pero siempre son experiencias de quien habla.

ocorre por efeito das estruturas narrativas que preexistem ao indivíduo, ainda que as tenha incorporado e pode transformá-las mediante os processos de formação e entrelaçamento das ideias. (...) Assim, o relato autobiográfico não só é de tipo experiencial, mas também significativo socialmente, já que cada experiência selecionada foi traduzida a um contexto sociocultural graças à linguagem. (LINDÓN, 1999, p. 299) (tradução nossa).¹⁹

Com estas reflexões, consideramos a narrativa autobiográfica com grande valor social, visto a permanência e significância desta prática nos diversos âmbitos da vida dos indivíduos ao longo dos séculos.

A estratégia de uso de narrativas autobiográficas é percebida como um tipo de organização discursiva para agir no mundo social e, além disso, permite a construção e reconstrução do sujeito a partir do outro, ou seja, a partir do que o narrador entende como sendo a identidade de seu interlocutor e como pressupõe que sejam seus entendimentos sobre o mundo. O narrador pode contar o mesmo fato de maneiras diferentes, para diferentes interlocutores, realizando o fenômeno chamado ‘entextualização’, que, segundo Freitas & Moita Lopes (2017, p. 307) “são os processos de descontextualização e recontextualização que constituem a trajetória de um texto.” E, ainda,

Essa capacidade dos textos, das narrativas, de serem entextualizados, está interligada à noção de iterabilidade da linguagem, o que propicia que, a cada citação e repetição, novas histórias sejam contadas, já que, cada vez que recontamos uma história, ela é outra, pois é entextualizada em outro contexto criado no narrar. (FREITAS & MOITA LOPES, 2017, p. 307)

Assim, ele estará criando novas histórias e permitindo que os pensamentos que constituem sua identidade social se tornem acessíveis através do discurso, de maneira conjunta com seu interlocutor.

Segundo Moita Lopes (2002, p. 59-60), a narrativa autobiográfica possui duas características principais, uma exceção ao mundo como ele é, isto é, uma exceção ao cânone cultural (o narrador se dispõe a contar uma história quando

¹⁹ Texto original: Se produce una traducción de lo íntimo de las experiencias vividas, a formas compartidas socialmente, por medio del lenguaje. Esa traducción ocurre por efecto de las estructuras narrativas que preexisten al individuo, aunque las ha incorporado y puede transformarlas mediante los procesos de formación y entrelazamiento de las ideas. (...) Así, el relato autobiográfico no sólo es de tipo experiencial, sino también significativo socialmente, ya que cada experiencia seleccionada ha sido traducida a un contexto sociocultural gracias al lenguaje.

houve a quebra de uma expectativa) e uma propriedade dramática, “que possibilita vermos os personagens e os interlocutores, por extensão, atuando no drama da vida, na negociação e na construção de suas identidades, oferecendo a possibilidade de refletir sobre o mundo social.”

Neste viés, é importante ressaltar que as narrativas são situadas em determinado espaço-tempo, ou seja, com fatores históricos, sociais e culturais que permeiam suas práticas discursivas e que não podem ser negligenciados, pois “não há discurso que ocorra em um vácuo social” (MOITA LOPES, 2001, p. 58).

Há, ainda, outras características importantes no ato de narrar uma história, como sua dualidade de tempo (um momento que ocorreu o fato – mundo do narrador, e o momento que este é narrado – mundo do interlocutor), e sua sequencialidade (sequência singular de eventos envolvendo seres humanos como personagens ou atores).

Como dito anteriormente, as narrativas autobiográficas acontecem em um espaço-tempo específico e funcionam de acordo com as relações de poder que estão circulando de determinada maneira neste mesmo espaço-tempo. Considerando o espólio sócio histórico destes sujeitos, pode-se ter um entendimento acerca destes poderes que os atravessam de maneira multidirecionada em momentos específicos e com propriedades particulares.

Ao vincular a construção do discurso e, portanto, das identidades sociais às contingências sócio-históricas, essa visão socioconstrucionista chama atenção para o fato de que ocupamos lugares diferentes na vida social no exercício do poder, que nos posicionam de forma diferenciada nas assimetrias/simetrias interacionais, o que não quer dizer que essas não possam ser revertidas. (...) Temos que ser vistos como pessoas que têm corpos situados na história social, na qual o discurso é mediado pelo que são e pelo que pensam que os outros sejam. (MOITA LOPES, 2001, p. 60).

Portanto, ao realizar uma narrativa autobiográfica, é imprescindível que se considere os atravessamentos e as múltiplas identidades do narrador, num dado momento que este irá construir seu relato a partir de fatores como posição social (do narrador e do interlocutor), espaço, gênero, cor, finalidades, etc.

Em nossa análise, percebemos a exposição de experiências pessoais dos comentaristas com características de narrativas autobiográficas: narração de

fatos em determinado espaço, contados com determinadas sequências. Assim, são apresentadas para a legitimação de algo defendido, ou seja, os sujeitos expõem alguma experiência para embasar seus pontos de vista. Podemos entender esta estratégia como uma tentativa de dar veracidade e sustentação às ideologias e às opiniões pessoais, como se o ato de exemplificar algo pessoal possa dar aos interlocutores uma segurança de que o pensamento exposto está baseado em fatos reais e que “também aconteceu comigo” e, desta forma, não é mera divagação arbitrária. Como aponta Moita Lopes (2001, p. 63),

Da mesma forma que contar uma história é um modo de criar uma realidade social, é também uma forma de controlar e manipular a realidade e os interlocutores nos embates para legitimar sentidos, ou seja, é uma forma de ação. (...) Legitimando, portanto, certas identidades sociais em detrimento de outras.

Em nossa pesquisa, o grande número de narrativas autobiográficas nos comentários das postagens escolhidas nos fez atentar para o fato de que, mesmo na era digital, em postagens públicas em páginas do Facebook, onde geralmente não se tem o convívio real com os participantes, as pessoas utilizam desta estratégia linguística com frequência para expor seus pontos de vista. Sendo suas opiniões contra ou a favor da postagem base, ou seja, aquela que motiva os comentários, a estratégia de “contar algo pessoal” é utilizada de maneira constante.

A maneira com que a experiência é relatada, com os fatos expostos de acordo com o interesse do narrador, faz com que os participantes das discussões interajam também nestes comentários, questionando algum ponto, posicionando-se contra o comentarista ou também dando algum apoio psicológico àquela pessoa. Além disso, percebemos que estes comentários, muitas vezes, incentivam outros relatos com experiências semelhantes, criando uma forma de solidariedade mútua entre os usuários.

Desta forma, entendemos que as narrativas autobiográficas nos comentários das postagens analisadas no Facebook possuem valor social reconhecido pelos participantes, por serem consideradas importantes no momento de defender opiniões pessoais. Os usuários recorrem a esta estratégia linguística a fim de dar um caráter experiencial, afirmar que o que está sendo dito é baseado em ‘experiências reais’ e, por isso, deve ser considerado como

legítimo, além de permitir o compartilhamento da experiência com os interlocutores.

Por fim, percebemos o ato de narrar como um momento de significação de identidades, em que os participantes usam a estratégia para construir-se e construir o outro, trazendo relatos que justificam e questionam suas práticas sociais e os Discursos veiculados historicamente sobre o comportamento da mulher na sociedade.

3.2 Procedimentos investigativos

3.2.1 Etnografia digital

A metodologia desta pesquisa foi pensada em conformidade com os preceitos de pesquisas qualitativas de cunho etnográfico apresentados por HINE (2000), Ferraz et. al. (2009), etc., que objetivam não mais apenas a descrição de fatos e fenômenos sociais, mas um estudo mais completo, complexo e focalizado das culturas e no entendimento dos comportamentos de grupos sociais específicos a partir de suas raízes culturais. A partir da consideração de que os movimentos sociais feministas estão utilizando incessantemente o espaço virtual para militância, organização de grupos, organização e discussão de pautas, pesquisa, divulgação e discussão de seus resultados, decidimos que a metodologia de pesquisa etnográfica digital nos oferece ferramentas mais interessantes para entender as interrelações e os embates de gênero. Isso é possível pois a Internet é vista não mais como um espaço virtual e inalcançável, mas sim como complexo, onde os limites entre a vida real/prática e a virtual se misturam e ocupam posições de importâncias equivalentes nos embates sociais da vida prática e que se influenciam mutuamente. Como nos aponta Hine (2000, p. 12),

a Internet tem sido rotineiramente empregada por seus usuários para estimular a interpretação de outros usuários. Ela tem sido tratada como um espaço de trabalho em que os usuários precisam agir de forma apropriada. Por meio disso, a tecnologia é estabilizada pelos próprios usuários, as relações sociais na Internet estabilizam a tecnologia e incentivam seus usuários a entendê-la de maneiras parciais. A Internet tem sido proposta como uma tecnologia transcendente que é usada para contornar dualismos como o eu / outro, real / virtual, natureza / cultura e verdade / ficção, revela-se uma relação mais complexa com

essas distinções do que a transgressão ou apagamento. (tradução nossa).²⁰

Desta forma, o campo digital da rede se constitui como espaço de debates com grande abrangência e alcances mundiais em virtude da velocidade com que as informações são difundidas e, a partir da *Web 2.0*, que se configura com grande presença de redes sociais e espaços interativos entre os usuários, estes conseguem se informar e se posicionar mais fácil e mais rapidamente sobre os mais diversos assuntos, e “na qual há o provimento de informações, mas há, muito mais, a discussão sobre elas e a reflexão sobre todo esse processo, o que acarreta em possibilidades de (des)construção de discursos.” (BAZERQUE, 2017, p. 10). Consideramos pois, desta maneira, que os ambientes virtuais se tornaram lugares de política.

Nos apoiamos na etnografia para tentar entender o ciberespaço como espaço cultural produtor de significados a partir da linguagem, não mais visto como local apenas ocupados por classes sociais altas. Esta escolha se justifica por entendermos que a etnografia digital é, além de metodologia de pesquisa qualitativa, uma maneira de nos ajudar a compreender e a falar sobre esses processos culturais que ocorrem nas plataformas online e sobre as teias de significados que vão sendo produzidas por elas. Desta forma, a vemos em consonância com esta maneira de fazer pesquisa em LA: considerando as multiplicidades das ações culturais e das identidades dos indivíduos envolvidos, entendendo o espaço virtual como um artefato cultural (HINE, 2000) socialmente situado para este contexto e, além de descrever estas ações, busca interpretá-las e ler seus possíveis significados. Obviamente, ainda há grande parte da

²⁰ Texto original: The Internet has routinely been employed by its users to monitor their own interpretations in the light of other users' interpretations. It has been treated as a performative space in which users need to act appropriately. Through this, the technology is stabilized by users themselves. The social relations which form on the Internet stabilize the technology and encourage its users to understand in particular ways. The Internet has been proposed as a transcendent technology which is used to bypass dualisms like self/other, real/virtual, nature/culture and truth/fiction. It turns out to have a more complex relationship to these distinctions than straightforward transcendence or erasure.

população que não possui acesso à internet²¹²². Porém, com a popularização da Internet e crescente número de utilização de smartphones, esta realidade tende a mudar cada vez mais.

Questões de cunho social (de gênero, raça, econômicas, sexuais, etc.) estão cada vez mais sendo postas em jogo para serem discutidas e, logo, deveria ser consequência entender que as pessoas estão conquistando maiores acessos a informações e maior capacidade de posicionamento crítico. Porém, devemos nos ater ao fato de que a etnografia se preocupa em olhar atentamente também para opiniões e comportamentos velados, postos em evidência a partir do posicionamento pessoal sobre determinado assunto. Como explanam Blommaert & Jie (2010, p. 03),

Pessoas não são catálogos culturais ou linguísticos, e a maioria do que vemos como um comportamento cultural e social é realizado sem refletir sobre ele e sem uma consciência ativa de que isso é realmente algo que elas *fazem*. Consequentemente, não é uma coisa sobre a qual elas têm uma opinião, nem uma questão que pode ser facilmente colocada em palavras quando você pergunta sobre isso. O trabalho de campo etnográfico é destinado a descobrir coisas que muitas vezes não são vistas como importantes, mas pertencem às estruturas implícitas da vida das pessoas. Perguntar é de fato, muitas vezes, a pior maneira possível de descobrir. (Grifo do autor) (Tradução nossa).²³

Retomamos a citação, no sentido de se ressaltar que isso acontece como em nosso objeto de pesquisa, por exemplo, em que observamos e analisamos discursos eventualmente carregados de violências e misoginia, que difundem estas ações na sociedade. Mesmo que implicitamente, a propagação destes pensamentos constrói e naturaliza um imaginário de inferioridade do gênero feminino sob o gênero masculino, com consequências na vida prática de toda uma sociedade por gerações. Dessa maneira, nosso papel social ao investigar estes discursos é trazer à tona problematizações em busca de uma mudança na realidade social.

²¹ Segundo o IBGE²², em 2014, quase metade da população brasileira não possuía internet em seu domicílio, maior parte destes na área rural das regiões. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística a partir de Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD de ²²). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet2014/default.shtm>. Acesso em 23/maio/2017.

²³ Texto original: People are not cultural or linguistic catalogues, and most of what we see as their cultural and social behavior is performed without reflecting on it and without an active awareness that this is actually something they *do*. Consequently, it is not a thing they have an opinion about, nor an issue that can be comfortably put in words when you ask about it. 1 Ethnographic fieldwork is aimed at finding out things that are often not seen as important but belong to the implicit structures of people's life. Asking is indeed very often the worst possible way of trying to find out.

O movimento feminista tem sido difundido com maior intensidade no ciberespaço, sendo necessário apenas um dispositivo digital com acesso à internet para participar das discussões dos grupos. As milhares de páginas e grupos do Facebook (hoje a rede social mais acessada e com maior número de membros do mundo, com 1,59 bilhões de usuários ativos mensalmente²⁴), por exemplo, se empenham diariamente em levantar questões referentes à luta feminina, assim como dedicar apoio às mulheres que sofrem com o machismo e o sistema patriarcal instaurado em nossa sociedade. Realizando desde campanhas que objetivam ajudar as mulheres em situação de violência ou vulnerabilidade socioeconômica, as páginas e grupos também fomentam discussões acerca de Discursos machistas naturalizados e outros discursos veiculados que contribuem para a construção da visão da mulher como um ser humano inferior ao homem e, mais que isso, da objetificação da mulher e de seu corpo.

Este cenário ganhou ainda um termo próprio para definir este tipo de militância: o *ciberfeminismo*. Como nos apresenta Miguel & Boix (2013, p. 55),

Quatro componentes, que provém do mundo da arte (Francesca da Rimini, Julianne Pierce, Josephine Starrs e Virginia Barratt), são pioneiras na utilização, no início dos anos 90, do termo “ciberfeminismo” para apresentar seus trabalhos de experimentação entre o sujeito feminino, a arte e a virtualidade. (...) Era um fenômeno espontâneo que surgia em lugares distintos como resposta a ideias como o ciberpunk, que eram muito populares.

Ou seja, o ciberfeminismo é uma articulação entre a luta feminista contemporânea e o espaço cibernético, utilizando a internet e a tecnologia em favor do feminismo. O termo foi cunhado em 1994 por Sadie Plant, PhD em Filosofia e diretora da Unidade de Pesquisa da Cultura Cibernética da Universidade de Warwick, na Grã-Bretanha “para descrever o trabalho de feministas interessadas em teoria, criticando, e explorando a Internet, o ciberespaço, e as tecnologias de nova mídia em geral” (CONSALVO, 2012, p. 01). Sendo o ciberfeminismo, como militância, uma realidade visível e crescente no atual panorama mundial.

²⁴ Dados do site de estatísticas Statista, de abril de 2016. Disponível em: <http://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users>. Acesso em 26 agosto 2016.

Da mesma forma que a *Web* possibilita a difusão do movimento feminista, também espalha os discursos machistas. Com a possibilidade de interação imediata que a Internet e as redes sociais trazem, estes discursos podem ser eternizados através de registros imagéticos (recurso de *print screen*) e problematizados de diversas formas, assim como também podem ser corroborados por aqueles que concordam. Assim, o uso das novas tecnologias aumentam exponencialmente a possibilidade dos diversos tipos de comportamentos: “A etnografia pode, portanto, ser usada para desenvolver um sentido interno dos meios da tecnologia e as culturas que o habilitam e são capacitadas por ela” (HINE, p. 08).

Nós corroboramos o pensamento de Blommaert & Jie (2010) sobre o lugar da linguagem na etnografia, considerando-a como singular, produtora de significados e responsável pela manutenção, criação, (re)significação e definição das realidades sociais. A linguagem, a partir de uma visão etnográfica, possui carga e age (performa); “é contexto, é a própria arquitetura do comportamento social e, portanto, parte da estrutura social e das relações sociais” (p. 07).

Para pensarmos esta pesquisa, nos pareceu importante ter à luz de nosso pensamento três das quatro perguntas lançadas por Hine (2010, p. 08) em sua pesquisa sobre etnografia virtual, para entendermos sua linha de raciocínio na pesquisa e significá-la, abrindo opções de estabelecimento de relações com este estudo, sendo estas perguntas:

- 1 - Como a Internet afeta a organização da reinserção social e do espaço? Isso é diferente das formas em que a "vida real" está organizada e, em caso afirmativo, como os usuários conciliam os dois?
- 2 - Quais são as implicações da Internet para autenticidade e autenticação? Como as identidades são realizadas e experimentadas, e como a autenticidade é julgada?
- 3 - O 'Virtual' é vivido como radicalmente diferente e separado do 'real'? Existe um limite entre online e offline?

Acreditamos que, com estas questões em mente, temos um olhar mais focado sobre os comportamentos nas novas mídias digitais em relação aos

discursos problematizados pelo feminismo, entendendo também as ordens de indexicalidade e *outscalings* mobilizadas por eles.

Consideramos que as movimentações realizadas na *Web 2.0* possuem a mesma (ou até maior) importância que as próprias manifestações na vida prática, pois o usuário pós-moderno vive um cotidiano constituído por suas realidades e movimentações da vida prática e também de sua vida virtual. Podemos refletir sobre os efeitos que as redes sociais possuem em todos os âmbitos da sociedade contemporânea, ao ponto de, atualmente, haver maior utilização destas em comparação a outros meios de comunicação (como o rádio, a tv, o jornal e revistas). Além disso, elas têm o poder de causar comoções públicas das mais diversas naturezas (políticas, sociais, de gêneros, econômicas, etc.), alterar comportamentos, afetar psicologicamente e tornar-se objeto de pesquisa (como neste caso).

Moita Lopes (2010) faz uma interessante comparação entre os novos letramentos digitais com a *ágora* grega e com os moinhos da Idade Média, que possibilitavam reuniões públicas para decisões democráticas, ou longe da vigilância e da punição da Igreja. Apesar da diferença secular entre estes locais específicos e a *Web 2.0*, podemos entender ambos com propósitos parecidos: debates sobre a vida pública/privada e ativismo político. A comodidade que um dispositivo digital conectado à internet possibilita permite engajamentos cada vez maiores sobre assuntos políticos sendo, inclusive, criticada por “formar especialistas nos mais diversos assuntos”.

No caso do feminismo, não é diferente, como já foi citado anteriormente. As novas tecnologias funcionam como espaço para ações sociopolíticas de maneira que impulsionam a troca de informações e causam efeitos práticos em todo um grupo. Ao interagir dentro destes territórios, entende-se que os indivíduos assumem outra identidade – a do usuário digital, pois utilizam linguagens/comportamentos específicos para estes espaços. Mesmo que uma pessoa realize trocas entre estes comportamentos (usando, por exemplo, gírias e/ou frases que são entendidas dentro de uma determinada rede social), só haverá comunicação se o seu interlocutor entender a origem e os motivos deste comportamento, pois depende de um conhecimento prévio sobre o universo digital para construir seu significado.

Em muitos grupos e páginas voltadas para o feminismo temos uma grande veiculação de histórias pessoais de mulheres que sofreram alguma violência e/ou experiência. Explanados na rede com diversos propósitos, estas narrativas autobiográficas podem servir de apoio a outras mulheres que estejam passando pelas mesmas situações, informar as medidas que podem e devem ser tomadas, denunciar alguma pessoa física ou jurídica que esteja disseminando discurso de ódio às mulheres, etc.

Alheio a isso, frequentemente, percebemos, nos comentários, pessoas relatando situações similares que tenham passado. Desta forma, há uma alta circulação de narrativas autobiográficas detalhadas e, por isso, geralmente os administradores da página/grupo proíbem a reprodução destas narrativas em outros espaços a fim de proteger a identidade daqueles que se sentiram seguros em partilhar suas experiências naquele local. Em nossa pesquisa, as identificações e imagens dos usuários foram escondidas. Além disso, não utilizamos comentários/narrativas de grupos fechados ou privados e, sim, apenas de páginas públicas com suas publicações e comentários também públicos. Desta maneira, o objeto de pesquisa já está publicizado na internet e não possui reivindicações de privacidade.

Estas ocorrências volumosas de narrativas autobiográficas como recurso argumentativo nas discussões sobre o feminismo nos chamou muita atenção, pelo fato de que constantemente as histórias relatadas são compreendidas como uma prova real do que se está argumentando. Principalmente, temos uma maior valorização de narrativas de mulheres como forma de luta contra o machismo e a reafirmação da palavra da mulher – umas das questões mais discutidas no movimento feminista é o fato de a palavra da mulher ser sempre colocada em questionamento pela sociedade, ou seja, perante o homem, os relatos femininos possuem menos legitimidade. Com esta estratégia, o movimento feminista busca criar *outscalings* para que se modifique esta desqualificação das narrativas das mulheres.

Nesta busca, em que há uma hierarquização histórica do discurso masculino sobre o feminino, o movimento feminista, ao valorizar a voz da mulher, busca criar *outscalings*, dando acesso às discussões somente às mulheres. O *outscaling* ocorre quando, em espaços de discussões multigêneros, as vozes femininas tornam-se mais respeitadas e valorizadas. As mulheres feministas,

neste momento, entendem que aqueles discursos, locais e neste determinado momento, ecoam os Discursos anteriormente valorizados nas discussões nos grupos feministas. Com isso, é cada vez mais presente nos debates sobre assuntos feministas, o entendimento de que a voz da mulher deve ser valorizada em comparação à dos homens em assuntos sobre seus corpos e comportamentos.

Este acesso é regulado e desigual de acordo com as ordens de poder, pois, como já dito anteriormente, este acesso é objeto de desigualdade²⁵ (BLOMMAERT, 2010a, p.36). Neste caso, as mulheres feministas tentam modificar o Discurso do homem como detentor de opinião legitimada para dar esta legitimidade às mulheres excluindo, desta forma, os discursos masculinos dos debates sobre as mulheres. Assim, a ordem de indexicalidade mobilizada é a da valorização da opinião feminina em contraste com o privilégio da valorização da opinião masculina.

A maioria das mulheres feministas conhece esta ordem de indexicalidade dentro do movimento feminista: quando um homem pratica *mansplaining*, por exemplo, (termo em inglês que significa a ação do homem em tentar explicar um assunto simples a uma mulher, geralmente um assunto que ela domina ou está falando sobre), e alguma mulher usa esta expressão dentro da discussão, as outras mulheres provavelmente entendem o que ela está afirmando (que o homem está tentando sobressair-se na discussão ao se demonstrar detentor do assunto, geralmente utilizando do privilégio de ter sua opinião legitimada). Este acesso à informação do que é *mansplaining* é permitido através das ordens de indexicalidade dentro do movimento feminista, pois permite aos envolvidos alcançar e perceber os Discursos e seus efeitos de sentido.

²⁵ Texto original: “Jumping scales depends on access to discursive resources that index and iconize particular scale-levels, and such access is an object of inequality.”.

4 ANÁLISE: A DESCONSTRUÇÃO DE DISCURSOS MACHISTAS NO FACEBOOK

Nesta seção, apresentamos as publicações que foram objeto de análise em nossa pesquisa. As publicações são em formas imagéticas, com discursos textuais, retiradas de páginas que veiculam conteúdos a favor do movimento feminista na rede social Facebook. Selecionamos alguns comentários que fomentaram as discussões a partir destas postagens, a fim de responder às questões de pesquisa. Realizamos análises com base dos comentários de mulheres e homens em duas postagens que expunham situações em que a sociedade tentou ditar comportamentos femininos em duas páginas da rede social, sendo estas: “Diários de uma feminista” e “Gina Indelicada”.

UM MINUTO DE SILÊNCIO

PRO MOMENTO QUE AS FEMINISTAS NUNCA VÃO TER

Diários de uma feminista
Página curtida · 6 de fevereiro · 🌐

Feministas não podem ter momentos... com flores, calcinhas pretas e guarda-chuvas, manas?

👍 Curtir 🗨 Comentar ➦ Compartilhar

👍👍👍 4,6 mil Mais recentes ▾

335 compartilhamentos 288 comentários

1 **27/02/2018** CANCELA O ROLE GENTE, CANCELA VÃO AGORA PROIBIR A GENTE DE USAR GUARDA-CHUVA
Curtir · Responder · 24 de fevereiro às 00:49

2 **19/02/2018** Quero tudo isso mais os meus direitos! Obrigada!
Curtir · Responder · 19 de fevereiro às 10:12

3 **17/02/2018** Logo nós, as próprias flores.
Curtir · Responder · 17 de fevereiro às 11:34

👇 1 resposta

Escreva um comentário...

Figura 1: Imagem postada pela página “Diários de uma feminista”
Comentários da postagem 1:



A **Maria Clara** Nunca vou ter pq sou lésbica mesmo. E pq tenho mãos e posso segurar meu próprio guarda chuvas

Curtir - Responder - 6 - 6 de fevereiro às 19:31



A1 **Carla Pastorello** Ué, mas uma mulher pode te mandar flores, uma namorada pode segurar o guarda chuva pra você, um dia vc pode adotar uma criança. Post idiota de tudo, né?

Curtir - Responder - 10 de fevereiro às 10:01



A2 **Ma...** Quis dizer que nunca vou ter um HOMEM dividindo comigo os momentos como na foto.

Curtir - Responder - 10 de fevereiro às 10:06 - Editado



B **...** COM CERTEZA NAO VOU TER MESMO!!! Porque meu noivo sabe que eu gostaria mesmo é de ganhar um engradado de cerveja artesanal, tirar foto da minha barriga pintada de pokebola e ganhar um beijão bem debaixo da chuva, rindo e brincando 😊

Curtir - Responder - 418 - 6 de fevereiro às 19:57

↳ 13 Respostas - 8 de fevereiro às 00:33



C **Carla Mazoni** Tô sofrendo bastante aqui em New York com essa notícia. Talvez mais tarde eu faça um textão sobre.

Curtir - Responder - 1 - 8 de fevereiro às 00:27



D **Dando Maria, uma safada** Putz, não posso mais ser feminista então... Tenho calcinha, tenho o guarda-chuva e já ganhei flores. E agora? Acho que parei por aqui então.

Curtir - Responder - 7 de fevereiro às 23:53



E **ta Savana D&D - D. N. D.** puxa vida... Precisava comprar um guarda chuva novo essa semana e nem vou mais, imagina, se eu usar guarda chuva vou ter que começar a rir de piadinha machista na rua. E já tô queimado as calcinha preta também. Sorry.

Curtir - Responder - 7 de fevereiro às 20:08



F **...** Um minuto de silêncio pra mim, feminista, casada, grávida e sendo a mulher mais bem tratada pelo marido. Ser feminista é saber ser bem tratada. E tratar meu marido igualmente. Pois somos merecedores de amor e carinho

Curtir - Responder - 2 - 7 de fevereiro às 08:17



G **...** Nao gosto de flores sou mais chocolate, guarda-chuva sempre deixo em casa e filhos tenho um lindo menino de 3 meses que e o homem e o amor da minha vida, mas mesmo assim quando saio com ele eu esqueco o guarda-chuva e sempre chove

Curtir - Responder - 1 - 7 de fevereiro às 08:10

4.1 Análise da imagem e comentários 1

A postagem da página “Diários de uma feminista” traz uma colagem com 3 imagens, em que a primeira mostra um casal se abraçando e segurando um ramo de flores; a segunda mostra um corpo de mulher grávida, vestindo uma calcinha de renda preta e com um homem beijando sua barriga; e a terceira com outro casal, em que o homem segura o guarda-chuva em um dia chuvoso. Sobre a colagem, há a frase “Um minuto de silêncio pro momento que as feministas nunca vão ter” [sic]. Ao postar a imagem, a página circulou em vermelho os itens que indexalizam o romantismo e publicou a legenda “Feministas não podem ter momentos... com flores, calcinhas pretas e guardachuvas, manas?” [sic].

Entendemos que, em nossa sociedade, há a circulação de um Discurso de que presentear com ramos de flores (especialmente rosas vermelhas), lingerie e ações como segurar o guarda-chuva ou abrir a porta do carro para a companheira, são ações reconhecidas como românticas, no sentido de demonstração de amor e relacionadas sempre com casais apaixonados (geralmente heterossexuais). Além disso, são sempre idealizações de relacionamentos perfeitos e colocadas muitas vezes como metas para uma plena felicidade sentimental.

Podemos identificar a utilização do recurso linguístico “ironia²⁶” na legenda da postagem (Feministas não podem ter momentos... com flores, calcinhas pretas e guarda-chuvas, manas?) como forma de questionamento sobre o que a imagem prega. Ao afirmar que mulheres feministas nunca irão ter momentos românticos em suas vidas, a imagem mobiliza um Discurso que entende a submissão das mulheres, performar feminilidade ou o desejo à maternidade como um comportamento esperado e como requisito para ser bem tratada em um relacionamento. Ao deixar de reproduzir estas convenções sociais ou questionar certas atitudes masculinas como o feminismo faz, a mulher, segundo a postagem original, deixaria de ter a chance da felicidade com seu companheiro.

²⁶ A ironia é uma figura de linguagem em que o falante usa de termos ou sentenças que exprimem o contrário do que se quer dizer em determinado contexto, “em uma tensão entre o real e o figurado” (BENETTI, 2007, p. 40), pois é necessário que os falantes e interlocutores envolvidos na interação discursiva estejam familiarizados com os sentidos da linguagem utilizada..

A página questionou esta afirmação, tentando criar um *outscaling* e modificar este Discurso que constrói a performance de feminilidade como algo natural ao ser feminino. Para isso, usa a figura de linguagem “ironia”, levando os seguidores a refletirem sobre a relação entre romantismo e ações impostas às mulheres para que possam vivê-lo.

Um discurso de que a mulher deve desejar a maternidade, mobiliza uma ordem de indexicalidade da maternidade compulsória, de que o ser feminino nasceu com o dever da reprodução e que é um ser incompleto até que gere um filho. Esta convenção social propaga a ideia de que o sucesso feminino deve seguir a ordem de conhecer um parceiro, casar e ter filhos. Qualquer inversão ou não realização destes passos, nesta sequência, coloca a mulher em uma posição inferior na sociedade, com rótulos pejorativos que são capazes de afetar sua vida pessoal, profissional e causar danos psicológicos, justamente por não seguir o padrão socialmente construído.

Além destes e de outros pontos, este Discurso é capaz de lesar a saúde mental daquelas mulheres que, por motivos biológicos e/ou fisiológicos, não podem gerar filhos, fazendo-as acreditar serem incompletas e que nunca irão atingir a felicidade plena. Os Discursos possuem grande responsabilidade social, visto que atingem, definem e controlam a vida de famílias por gerações.

A imposição da performance da feminilidade traz à mulher problemas físicos e psicológicos, pois causa uma busca pelo corpo perfeito ou pela aceitação social de sua aparência física. Ao colocar a imagem de uma lingerie que representa, na sociedade, apelo sexual e relação entre a responsabilidade da mulher sobre a virilidade masculina, a imagem ecoa para Discursos que objetificam as mulheres e as colocam como seres que devem estar com aparência impecável para serem socialmente aceitas e desejadas sexualmente. Em busca desta aceitação, muitas mulheres acabam por odiarem seus corpos e realizarem procedimentos cirúrgicos perigosos e sem controle, desenvolvendo distúrbios alimentares e doenças psicológicas na tentativa de conquistar um padrão idealizado de corpo feminino.

Em um mundo fluido, como em nossa era, estes juízos de valores estão cada vez mais idealizados e, justamente por isso, cada vez mais difíceis de serem contemplados. O movimento feminista enfatiza as questões de desigualdade de gênero que por anos não ocuparam as pautas de discussões

sociais ou não obtiveram a atenção necessária, com o intuito de construir um mundo mais justo para as mulheres, as quais vivem os percalços destas e outras regulamentações mais incisivamente em suas vidas (em relação ao gênero masculino). As mulheres sofrem represálias pela sociedade somente por suas escolhas de vida, principalmente quando não veem sentido nestas normatizações. Estas retaliações estão na vida prática, são o que as estatísticas de violências contra a mulher apresentam diariamente em nossa sociedade, colocando-nos em um mapa de misoginia em posições piores do que a maioria dos países do globo terrestre.

Por isso, o feminismo cria performances discursivas que vão ecoando e já se tornaram Discursos dentro da comunidade feminista. Ao usar a ironia para questionar estas normatizações, como neste caso, mobilizam o Discurso entre as feministas de que estas imposições sociais não devem ser critério para a conquista de respeito e de um bom relacionamento afetivo.

Selecionamos os primeiros vinte comentários desta postagem para nossa análise, nos quais nos embasamos a fim de responder ao objetivo número 3 (Como as usuárias que comentaram nas postagens estão buscando motivar *outscalings* e como suas narrativas funcionam neste processo?). Percebemos que, em todos os comentários, as usuárias também utilizaram a ironia para se posicionar contra o que a postagem afirma, além de cerca de quinze usuárias usarem algum relato pessoal para mostrar seu questionamento e sua opinião contra o que foi dito (como exemplos os comentários das usuárias A, B, C, D, F, G, H, I, etc.).

Mesmo que a usuária ironicamente crie uma situação superestimada para narrar, como podemos observar no comentário C: “*Tô sofrendo bastante aqui em New York com essa notícia. Talvez mais tarde eu faça um textão sobre.*” [sic], há utilização dos recursos de ironia (‘*sofrendo bastante aqui em New York*’ e ‘*faça um textão sobre*’). Desta forma, o discurso mobiliza as ordens de indexicalidade de que as mulheres são mais românticas e dramáticas nos relacionamentos, e a de que as mulheres gostam mais de discutir e falar do que os homens, por isso a reação “*talvez eu faça um textão*” como forma de ironizar o então sofrimento feminino por causa da afirmação da postagem original.

As usuárias enfatizaram os objetos usados na postagem como forma de refutação da afirmação, produzindo e reafirmando o discurso de que, mesmo

feministas, possuem calcinhas pretas, filhos e maridos românticos. Assim, produzem narrativas sobre suas experiências pessoais, criando o *outscaling* de que suas vidas (em micro escala) refletem uma realidade social (em macro escala) de que as mulheres não precisam mais ser submissas ou seguir as convenções sociais para serem felizes em seus relacionamentos. Deste modo, é possível gostar e receber performances românticas e lutar pelos direitos das mulheres, sem que uma opção anule a outra, como foi posto pela postagem original.

Os comentários B (*'COM CERTEZA NÃO VOU TER MESMO!!! Porque meu noivo sabe que eu gostaria mesmo é de ganhar um engradado de cerveja artesanal, tirar foto da minha barriga pintada de pokebola e ganhar um beijão bem debaixo da chuva, rindo e brincando'* [sic]) e o comentário J (*'E eu prefiro que me agrade com coxinha, brigadeiro, coca-cola, não com flores.'* [sic]) trazem relatos pessoais que demonstram seus gostos individuais, opondo-se à ideia de romantismo apenas com os ícones apresentados nas imagens. As usuárias apresentaram suas particularidades no que se refere a romantismo. Para elas, a felicidade significa a realização de outros atos peculiares (como ganhar um engradado de cerveja artesanal e tirar foto com a barriga pintada de pokebola). Assim, elas tentaram criar *outscalings* e modificar a ordem de indexicalidade que indica os modelos de ações românticas, negando as idealizações de romantismo apresentadas que, para elas, não significam sua felicidade.

Portanto, percebemos que as usuárias feministas utilizaram figuras de linguagem como a ironia para refutar a afirmação da postagem original, assim como fez a página “Diários de uma feminista” na legenda. A postagem original mobiliza Discursos que buscam controlar o comportamento das mulheres, pois ao afirmar que uma mulher feminista nunca viverá momentos considerados românticos por serem feministas (e, assim, questionarem certas construções sociais sobre o corpo feminino), a imagem e a declaração que a acompanha reafirmam que a mulher deve seguir certos padrões sociais, como performar feminilidade e gerar filhos.

Estas regulamentações são capazes de mobilizar ordens de indexicalidade da mulher como submissa ao homem em nossa sociedade; da mulher como naturalmente progenitora e, junto a isso, a maternidade compulsória; e da performance de feminilidade para ser aceita ou desejada e,

em consequência, conseguir casar, ter filhos e conquistar a felicidade idealizada. Tudo isso, juntamente com outras convenções sociais, são capazes de regular os corpos femininos por décadas, causando sofrimento humano por algo que é idealizado e, por isso, não corresponde às realidades sociais nas quais a maioria das mulheres está inserida.

As narrativas autobiográficas estão presentes em 75% dos comentários selecionados. Utilizados como estratégia para comprovação de suas opiniões, as usuárias contam suas histórias pessoais para demonstrar que o Discurso em circulação não é capaz de contemplar suas realidades, expondo suas particularidades e posicionando-se contra estes Discursos que possuem carga de verdade naquele momento. Ao dar um parecer pessoal, o usuário leva o seu interlocutor que, no caso são os seguidores e leitores da página, a ter uma noção de sua própria experiência, trazendo-o fatos com a intenção de dar veracidade às histórias relatadas.

Figura 2:



Imagem postada pela página "Gina Indelicada"

Comentários da figura 2:



A Só de olhar alguns comentários aqui já sinto nojo... e percebo que a pesquisa era verdadeira.. "mulheres" achando que mulher merece ser estuprada....

eu moro numa cidade onde faz sol todos os dias do ano... onde é quente até de noite e se eu quiser sair de short ou de saia, não interessa o tamanho, eu **NÃO MEREÇO SER ESTUPRADA!!!**

Curtir - Responder - 1.955 - 30 de março de 2014 às 19:00 - Editado



A1 Concordo em partes. Nenhuma mulher deve ser estuprada e você também tem o direito de usar a roupa que quiser... Mas vale SE respeitar pra depois exigir respeito dos outros

Curtir - Responder - 22 - 30 de março de 2014 às 19:12



A2 então se ela não se respeita ela MERECE ser estuprada certo **A1** ...??
faça me o favor

Curtir - Responder - 111 - 30 de março de 2014 às 19:14 - Editado



A3 Até uma prostituta temos que respeitar, independente do que ela faz da vida dela. Pelo amor! Concordo com a Karen!

Curtir - Responder - 76 - 30 de março de 2014 às 19:16



A4 me recuso a ler o comentário anterior comparando uma menina que usa roupas curtas com prostitutas. gente, alô, PELO AMOR DE DEUS, estupro é CRIME, ninguém merece ser estuprada como ninguém merece ser assassinado ou roubado. VERGONHA dessas gerações.

Curtir - Responder - 71 - 30 de março de 2014 às 19:23



A5 Roupa curta em homem é calor, Em mulher é pra " Se mostrar pra ele e em seguida ser Estuprada ?"

Curtir - Responder - 37 - 30 de março de 2014 às 19:24



B Meu Deus como tem homens repugnantes nos comentários. Espero que nenhum tenha namorada ou esposa porque, eu no papel de namorada ou esposa de uns caras desses eu morreria de vergonha. Roupa não faz caráter, as mulheres da Índia andam cobertas e lá é um dos países com mais índices de estupro no mundo. Ver um homem falando assim já é ridículo mas ver uma mulher dizer tais coisas aqui é de desapontar!!!!!!!

Curtir - Responder - 15 - 30 de março de 2014 às 23:52



C Não uso roupa curta ou decotada e nem por isso julgo quem usar cada um se veste do jeito q de sente bem...

E acho um absurdo essas mulheres q julgam e dizem q mulher q anda pelada merece ser estuprada... Isso pra mim é inveja pq ela usa pouca roupa e vc quer usar mais nao tem coragem....

Nem eu nem nenhuma mulher merece ser estuprada...

Curtir - Responder - 8 - 1 de abril de 2014 às 16:58

- D** Porém, antes de lotar de mulheres enchendo meu saco, me ofendendo com palavras de baixo calão ou até mesmo me chamando de "machista" (Um termo escroto pra caralho) Eu deixo claro que concordo com sua opinião, Mulher alguma merece ser estuprada. Porém Continuo com minha opinião. A "Fácil" (Vamos dizer assim) Não merece também ser estuprada. Só que ao meu ver ela não tem direito algum de aderir essa causa.
Curtir - Responder - 31 de março de 2014 às 01:25
- E** O homem que não respeita uma mulher, não é digno de ter uma. Homens que não possuem digamos assim... um alto controle sobre seus instintos (o mesmo que um animal), são os conhecidos como: ESTUPRADORES; DOENTES COISAS DO TIPO. (SABER ENTENDER QUE A MULHER TEM DIREITO DE ESCOLHER SE QUER OU NÃO FICAR COM UM DETERMINADO HOMEM É IMPORTANTE!) Homens não são obrigados a ficarem com quem não quer, por que uma mulher seria?!
- Curtir - Responder - 10 - 31 de março de 2014 às 02:59
- F** Digo mais, o condenado deveria sofrer pena de MORTE!
- Curtir - Responder - 10 - 31 de março de 2014 às 07:54
- G** Não é por que esta calor na cidade que vc tem que usar fio dental na praia. Mulher SÉRIA não fica exibindo detalhes do corpo.
- Curtir - Responder - 5 - 31 de março de 2014 às 08:00
- H** Com roupa ou sem roupa, um homem só pode tocar no corpo de uma mulher com a permissão dela.
- Curtir - Responder - 28 - 31 de março de 2014 às 09:11
- I** Poxa eu esperava mais sabe, como pode um povo que é tao hospitaleiro, tão trabalhador , honesto ainda ter essa mente tão fechada e preconceituosa, eu esperava mais... nossa desapontei aqui.. me deu mais um motivo de vergonha de ser brasileira...
- Curtir - Responder - 19 - 30 de março de 2014 às 18:54
- J** Meu corpo é MEU patrimônio assim Como a minha casa e não DEVE muito menos MERECE ser violado por ter deixado a porta aberta! ... Acorda Brasil, bando de hipócritas... Essas mulheres que falam que mulher deve se respeite e não usar roupa curta são aquelas que gostariam de fazê-lo mas que não podem porque são GORDAS e FEIAS e atacam dessa forma as que podem!!!
- Curtir - Responder - 13 - 30 de março de 2014 às 19:27
- K** O corpo feminino não eh ilícito, nem pecaminoso! Então o mesmo direito que os homens tem de andar sem camisa deve ser garantido às mulheres. Todos nascemos nus! Quem define oq eh "roupa decente" eh a sociedade! 60 anos atrás as mulheres não podiam exhibir seus joelhos! Então parem de vomitar asneiras e PENSEM! será uma boa novidade nesse país de ignorantes.
- Curtir - Responder - 8 - 31 de março de 2014 às 15:17
- L** Não concordo... Sou mulher e vejo sim que as mulheres provocam... Não sejamos hipocritas... Toda mulher gosta de ser desejada... E claro que violencia nao tem justificativa.. Mas impor respeito ajuda muito... Não so em relacao as roupas mas comportamento...
- Curtir - Responder - 8 - 31 de março de 2014 às 08:32

4.2 Análise da imagem e comentários 2

A imagem 2, postada pela página Gina Indelicada, traz a imagem de uma mulher segurando um cartaz que representa uma enquete, em que a questão e as opções apresentadas são: “*Um homem sem camisa: 1- Está c/calor; 2 – Vai jogar bola e 3 – Quer ser estuprado, é claro!*” [sic]. Dentre as opções, a que está assinalada como alternativa escolhida é a de número 3 (*Quer ser estuprado, é claro!*), representando a opinião da pessoa que está segurando o cartaz.

Este discurso usa o recurso linguístico ironia para mobilizar e, ao mesmo tempo, contestar o Discurso que circula em macro escalas de que a roupa de uma mulher é um fator decisivo quando esta é estuprada. São comuns, em notícias que trazem casos de estupro, discursos que constroem e reafirmam que a mulher estuprada foi culpada pelo crime do qual foi vítima, seja por suas roupas, atitudes perante o criminoso ou pelo local e horário do crime, por exemplo. Essa culpabilização da vítima a impede de conseguir um tratamento jurídico e médico digno, pelo fato de perceber-se, muitas vezes, em uma situação de inferioridade devido às burocracias encontradas e o julgamento social.

Ao desvalorizar a mulher nestas situações, justificando os atos cometidos pelo criminoso e culpabilizando as vítimas, estes discursos mobilizam ordens de indexicalidade que veem a mulher como objeto e como um ser que nasceu apenas para reproduzir e servir ao homem, colocando-o em nível de superioridade em relação à ela.

Com estas ideias em circulação, uma sociedade patriarcal prevê que atos de violência são causados por atitudes da mulher, absorvendo socialmente, nestes casos, o criminoso. Ou seja, mesmo que as leis brasileiras estejam sendo modificadas com o objetivo de combater as violências contra as mulheres, ainda há um Discurso em circulação que a entende como responsável por crimes, de violação sexual, agressões e assédio, por exemplo. Estes Discursos perpassam a vida das mulheres e as fazem acreditar que seus papéis são pré-determinados ao nascer, que devem vestir-se e comportar-se de determinada maneira para evitar violências sexuais. Além disso, contribuem para o aumento de ocorrência de crimes pela então certeza da impunidade.

Nesta imagem, podemos perceber a mulher desconstruindo este Discurso de que roupas determinam o estupro. Criando um discurso em micro escala e utilizando da figura de linguagem ironia, a manifestante mobiliza o Discurso em

circulação em macro escala. Desta forma, tenta criar um *outscaling* e modificar escalas, transformando seu *discurso* em *Discurso*.

Dentro das comunidades feministas, seja qual for a vertente, a não culpabilização da vítima e a luta contra a misoginia, abusos, assédios, feminicídio e outras violências contra a mulher já são Discursos naturalizados.

Porém, como “onde há poder, há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 1988, p. 104-105), não podemos acreditar que este Discurso já se naturalizou em um amplo espaço no que se refere a um país, estado ou até mesmo cidade, por exemplo. Ainda há resistência por grupos mais conservadores e isso pode ser percebido, por exemplo, no atual panorama do poder legislativo brasileiro. Leis que defendem ações em função de ideologias religiosas e comandam corpos femininos são votadas e aprovadas, ignorando as vozes das mulheres, questões de saúde pública, estatísticas e estudos sociais (como por exemplo, a PEC 181/2015²⁷, onde há poder, há resistência que criminaliza o aborto inclusive em casos de estupros).

A luta feminista, então, problematiza os Discursos que controlam e ferem os corpos femininos e busca modificá-los, iniciando por questionar estas verdades cristalizadas, apontando os equívocos, dando voz às mulheres e criando outras verdades que fazem sentido para as mulheres em situações de desigualdade de gêneros. As mulheres feministas buscam, a longo prazo e em larga escala, desconstruir uma sociedade patriarcal com o objetivo de construir um mundo mais justo em questões de gênero. Porém, sabe-se que a desconstrução é constante e deve ser diária, discutindo os discursos a fim de modificar os Discursos.

Foram selecionados dezessete comentários para esta postagem. O critério de seleção foi utilizar os comentários marcados pelo Facebook como “relevantes” no filtro de visualização dos comentários da postagem. Por isso, selecionei os 20 mais recentes dentro do filtro de “relevantes”. Neles, ou havia reflexões sobre a postagem ou os comentários fomentaram discussões com outros usuários, tanto homens quanto mulheres. Treze (comentários A, A2, A3,

²⁷ Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 181/2015, que pode restringir o aborto em qualquer caso, mesmo aqueles já autorizados pela lei brasileira, como em caso de estupro, anencefalia do feto ou gravidez com risco de morte para a mãe.

A4, B, C, E, F, H, I, J e K) se posicionaram a favor do Discurso de que roupa não deve ser um fator usado para culpabilizar as vítimas em casos de estupro e que há uma desigualdade social no sentido de que roupas definem as intenções das pessoas – se um homem usa determinada roupa, para a sociedade isso não quer dizer que ele queira sofrer abusos, mas quando uma mulher usa um certo tipo de vestimenta, ela está dando pistas de suas reais intenções e, assim, “desejando” o abuso. Essas considerações foram baseadas nos comentários A, A4 e B:

A: *Só de olhar alguns comentários aqui já sinto nojo... e percebo que a pesquisa era verdadeira.. “mulheres” achando que mulher merece ser estuprada...*

eu moro numa cidade onde faz sol todos os dias do ano... onde é quente até de noite e se eu quiser sair de short ou de saia, não interessa o tamanho, eu NÃO MEREÇO SER ESTUPRADA!!! [sic].

A4: *Roupa curta em homem é calor. Em mulher é pra “se mostrar pra ele e em seguida ser Estuprada?” [sic].*

B: *Meu Deus como tem homens repugnantes nos comentários. Espero que nenhum tenha namorada ou esposa porque, eu no papel de namorada ou esposa de uns caras desses eu morreria de vergonha. Roupa não faz caráter, as mulheres da Índia andam cobertas e lá é um dos países com mais índices de estupro no mundo. Ver um homem falando assim já é ridículo mas ver uma mulher dizer tais coisas aqui é de desapontar!!!!!!! [sic].*

É pertinente ressaltar a utilização de aspas na palavra “mulheres”, no comentário A, e as opções de entendimento possíveis para esta escolha. A usuária recorre a este sinal de pontuação (intencionalmente) para chamar atenção para o substantivo *mulheres*. Entendemos que gostaria de sinalizar o fato de que há mulheres que culpabilizam a vítima feminina, mesmo sabendo de e vivenciando os assédios e violências recorrentes do dia a dia. Assim, podemos identificar uma catacrese na palavra que foi utilizada, figura de linguagem em que “há utilização de um termo que não descreve com exatidão o que se quer dizer, mas é usado por não haver outro apropriado - ou a expressão apropriada

não ser de uso comum. Nesta situação, o significado da palavra grifada foi questionado, levando-nos a entender que a comentarista não considera uma “mulher de verdade” quando estas reproduzem machismo ao culpabilizar as vítimas de estupro devido às suas roupas.

No comentário B, a usuária recorre ao sentimento familiar dos usuários que afirmaram que as mulheres que usam roupas curtas estariam, de alguma forma, se responsabilizando pelos crimes sofridos (*‘Espero que nenhum tenha namorada ou esposa porque, eu no papel de namorada ou esposa de uns caras desses eu morreria de vergonha.’*). Para isso, ela apela para a empatia e às emoções do seu interlocutor, solicitando que o usuário ponha-se no lugar das mulheres e pense por este viés, caso estes crimes ocorram com alguém de sua família, usando esta estratégia como forma de validação de seus argumentos. Além disso, traz notícias de índices mundiais acerca do tema, confirmando sua opinião de que roupas não definem quem deve ou não ser estuprado, retirando a culpabilização da vítima. Por fim, expõe seu desapontamento sobre o agravante de mulheres emitirem estas opiniões, já que estas são as pessoas atingidas com as regulamentações impostas e com a culpabilização da vítima.

No comentário E, temos novamente um posicionamento que compara as convenções sociais e desigualdade de gênero em nossa sociedade, questionando-as como forma de fazer o interlocutor refletir sobre suas afirmações.

E: *O homem que não respeita uma mulher, não é digno de ter uma. Homens que não possuem digamos assim... um alto controle sobre seus instintos (o mesmo que um animal), são os conhecidos como: ESTUPRADORES; DOENTES COISAS DO TIPO. (SABER ENTENDER QUE A MULHER TEM DIREITO DE ESCOLHER SE QUER OU NÃO FICAR COM UM DETERMINADO HOMEM É IMPORTANTE!) Homens não são obrigados a ficarem com quem não quer, por que uma mulher seria?! [sic].*

Neste comentário, a usuária mobiliza o Discurso de que o homem tem instinto e, ao ser provocado, não responde por seus atos, ou reage sem pensar. Por isso, o compara a um animal, ou seja, um ser vivo sem racionalidade. Emite um discurso de que os homens devem controlar suas atitudes e respeitar as mulheres e suas vontades, independente de suas roupas. Ao utilizar adjetivos para denotar homens que cometem estupros, a usuária profere um discurso que

mobiliza o Discurso de que estes homens seriam instintivos como os animais ao cometerem estes atos, argumento utilizado para culpabilizar a mulher nos casos destes crimes, assim como no comentário H: “*Com roupa ou sem roupa, um homem só pode tocar no corpo de uma mulher com a permissão dela.*” [sic]. Com isso, as usuárias tentam criar um *outscaling* e modificar, em macro escala, o Discurso que defende o homem como ser instintivo e não racional, emitindo um discurso capaz de responsabilizar os homens por suas atitudes e, com isso, modificar o Discurso de que o homem age por impulso ou instinto e, por isso, estes crimes são justificados.

A usuária do comentário I, por sua vez, expõe seu desapontamento ao constatar os comentários que culpabilizam a vítima. A comentarista afirma:

“*Poxa eu esperava mais sabe, como pode um povo que é tao hospitaleiro, tão trabalhador, honesto ainda ter essa mente tão fechada e preconceituosa, eu esperava mais... nossa desapontei aqui... me deu mais um motivo de vergonha de ser brasileira.*” [sic].

Com isso, o posicionamento mobiliza a ordem de indexicalidade de que o brasileiro é um povo hospitaleiro e que recebe bem a todas as pessoas, sem preconceitos de gênero, raça, etnia, idade, nacionalidade, etc. Porém, expõe sua frustração (iniciada pelo advérbio “ainda”) ao constatar que, de acordo com os comentários, essa hospitalidade característica de todo brasileiro é um aspecto estereotipado, não correspondendo à realidade quando se trata do tema em pauta (machismo). O comentário, ao apresentar estes estereótipos, produz uma ideia essencializada do que é “ser brasileiro” e ignora os atravessamentos possíveis nos modos de sociabilidade dos sujeitos, reproduzindo as ideias normatizadas e apagando as diferenças das identidades brasileiras. Neste comentário, não percebemos uma tentativa intencional de *outscaling*, visto que a usuária apenas demonstrou seu desapontamento em seu discurso. Ainda, entendemos a pretensão de legitimar as afirmações através dos relatos pessoais, porém para que ocorra um *outscaling* é necessário que o sujeito possua legitimidade reconhecida por outros em determinado contexto.

Atentando-nos para o comentário J, percebemos várias questões envolvidas.

“Meu corpo é MEU patrimônio assim como a minha casa e não DEVE muito menos MERECE ser violado por ter deixado a porta aberta!... Acorda Brasil, bando de hipócritas... Essas mulheres que falam que mulher deve se respeite e não usar roupa curta são aquelas que gostariam de fazê-lo mas que não podem porque são GORDAS e FEIAS e atacam dessa forma as que podem!!!” [sic] [grifos do autor].

De início, podemos observar que o a autora do comentário posiciona-se contra o Discurso de que roupa define a pessoa que merece sofrer o crime de estupro. Enfatiza as palavras “MEU”, “DEVE” e “MERECE”, chamando a atenção do leitor para o significado destas, sinalizando que o corpo pertence a si mesmo e, por isso, os homens têm o dever de respeitá-lo, além de apenas merecer este respeito. Usa da figura de linguagem metáfora para representar seu pensamento sobre seu corpo (*‘Meu corpo é MEU patrimônio assim como a minha casa e não DEVE muito menos MERECE ser violado por ter deixado a porta aberta!’*).

Porém, em seguida, emite comentários machistas, gordofóbicos²⁸ e preconceituosos sobre as mulheres, afirmando que mulheres que criticam outras por usarem roupas curtas, o fazem porque são gordas e feias [sic] e, por isso, não podem usar estes tipos de roupas. Isso nos mostra que, por mais que tentemos nos desconstruir e desvencilhar dos conceitos sólidos (BAUMAN, 2001) que nos foram postos e construídos como corretos e admissíveis, os resquícios da modernidade ainda fazem parte de nossas ideologias - justificando, assim, os termos modernidade recente ou tardia (MOITA LOPES, 2013; BAUMAN, 2001). Tolerar apenas corpos magros como belos é uma imposição que se iniciou com o capitalismo e a indústria da moda, a fim de impor um padrão que motive o consumo de cirurgias e procedimentos estéticos, além da busca por um corpo idealizado que atinja a “perfeição” colocada pela mídia e por empresas que trabalham com beleza e moda. Além disso, segundo a autora Naomi Wolf (1992, p. 12),

²⁸ A gordofobia é uma forma de discriminação estruturada e disseminada nos mais variados contextos socioculturais, consistindo na desvalorização, estigmatização e hostilização de pessoas gordas e seus corpos. (ARRAES, 2014, online).

Um maior número de mulheres dispõe de mais dinheiro, poder, maior campo de ação e reconhecimento legal do que antes. No entanto, em termos de como nos sentimos do ponto de vista físico, podemos realmente estar em pior situação do que nossas avós não liberadas. Pesquisas recentes revelam com uniformidade que em meio à maioria das mulheres que trabalham, têm sucesso, são atraentes e controladas no mundo ocidental, existe uma subvida secreta que envenena nossa liberdade: imersa em conceitos de beleza, ela é um escuro filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o controle.

Ou seja, estas pressões sociais para um corpo “perfeito” se intensificaram com a emancipação da mulher ao longo do tempo. Com a conquista de altos cargos de trabalho e conquista de direitos, foram surgindo novos mecanismos de controle aos corpos femininos e, assim, as mulheres liberaram-se de uns, porém sofreram com as novas imposições sociais que apareceram.

Ao expor estas afirmações, esta comentarista mobiliza ordens de indexicalidade que colocam o corpo padrão (magro e definido) como o único aceitável para utilizar determinado tipo de roupa, e uma pessoa que foge a estes padrões deve esconder-se e manter seu corpo coberto.

No comentário K, temos uma mobilização do Discurso cristão de que os corpos são pecaminosos (*‘O corpo feminino não eh ilícito, nem pecaminoso! Então o mesmo direito que os homens tem de andar sem camisa deve ser garantido às mulheres.’* [sic]). A comentarista remete aos dogmas da Igreja que concebia o corpo como profano e a alma como santa, mas, apesar de recorrer a este Discurso, mostra sua discordância. Em seguida, emite um discurso e tenta criar um *outscaling*, pregando uma igualdade de gênero na questão das vestimentas, contrariando e buscando modificar o Discurso de que mulheres não podem vestir-se com determinadas roupas, e homens, sim. Além disso, a autora do comentário cita o fato da construção social envolvida na questão das vestimentas na sociedade e as mudanças ao longo do tempo e mudanças sociais, ao afirmar que *“Quem define o que eh “roupa decente” eh a sociedade! 60 anos atrás as mulheres não podiam exhibir seus joelhos!”* [sic] [grifos do autor].

Recorrer a Discursos cristãos para embasar suas argumentações é um fenômeno comum em discussões de gênero. Pessoas que se valem desta estratégia para expor seus pontos de vista recorrem às passagens da Bíblia Cristã como parâmetro de normalidade e normatividade heterossexual de

gêneros binários. É recorrente encontrar discursos que afirmam que o natural é a heterossexualidade pelo fato de que determinado deus criou um gênero para complementar o outro²⁹. Desta forma, argumentam que qualquer sujeito que fuja a este padrão, estaria indo contra a uma ordem estabelecida e, mais que isso, sofreria consequências ruins, como castigos de divindades em formas de doença. Podemos perceber a tentativa de *outscaling* da autora do comentário ao remeter a este Discurso Cristão, porém questionando a normatividade pregada por algumas denominações religiosas.

Percebemos, também, a utilização de experiências pessoais funcionando para ilustrar e legitimar as argumentações a favor da postagem no comentário A:

A: Só de olhar alguns comentários aqui já sinto nojo... e percebo que a pesquisa era verdadeira.. “mulheres” achando que mulher merece ser estuprada...

eu moro numa cidade onde faz sol todos os dias do ano... onde é quente até de noite e se eu quiser sair de short ou de saia, não interessa o tamanho, eu NÃO MEREÇO SER ESTUPRADA!!! [sic].

Nos comentários da postagem, os usuários relatam fatos pessoais ou opiniões, que são construídos a partir do que o eu (narrador) conta com certos objetivos para o outro (interlocutor). Neste caso, os comentaristas têm a intenção de expor suas experiências a fim de comprovar e, quem sabe, convencer o seu interlocutor (pessoas que defendem a ideia da culpabilização da vítima) de suas ideias.

No comentário A, por exemplo, temos o fato e a constatação da pesquisa já conhecida pela narradora (*‘percebo que a pesquisa era verdadeira.. “mulheres” achando que mulher merece ser estuprada... ’*), ainda exprimindo uma decepção. Em seguida, ela apresenta informações sobre o clima de sua cidade que, segundo ela, são as razões as quais ela usa roupas curtas ou de qualquer tamanho. Assim, ela constrói um comentário com informações trazidas de uma pesquisa já lida anteriormente (estratégia de argumentação) e uma

²⁹ Informações a partir da pesquisa “Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas” (NATIVIDADE, 2006). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbcso/v21n61/a06v2161.pdf>>. Acesso em 31 de janeiro de 2018.

experiência pessoal para reforçar sua opinião. Assim, o narrador busca atingir o interlocutor apresentando uma versão de si mesmo, de acordo com o tema que está sendo discutido no momento.

Os outros quatro comentários afirmaram, de alguma forma, que as roupas usadas pelas mulheres interferem no crime de estupro, assédio ou de abuso sexual, e as tornam responsáveis pelos crimes. Os comentários A1, D, G e L apresentaram discursos culpabilizando as vítimas dos crimes citados. Estes comentários corroboram o Discurso de objetificação da mulher, reforçando/construindo a ideia de as mulheres devem servir ao homem e seu corpo pode ser violado caso o homem entenda suas vestimentas como “pistas” que permitem o abuso por mostrarem partes de seu corpo. Além disso, defende a ideia de que o criminoso é um ser que deve ser absolvido, já que sua ação foi impulsiva e motivada pela vítima.

A1: *Concordo em partes. Nenhuma mulher deve ser estuprada e você também tem o direito de usar a roupa que quiser. Mas vale SE respeitar para depois exigir respeito dos outros.* [sic] [grifos do autor].

D: *Porém, antes de lotar de mulheres enchendo o meu saco, me ofendendo com palavras de baixo calão ou até mesmo me chamando de “machista” (Um termo escroto pra caralho) Eu deixo claro que concordo com sua opinião. Mulher alguma merece ser estuprada. Porém continuo com minha opinião. A “Fácil” (Vamos dizer assim) Não merece também ser estuprada. Só que ao meu ver ela não tem direito algum de aderir essa causa.* [sic] [grifos do autor].

L: *Não concordo... Sou mulher e vejo sim que as mulheres provocam... Não sejamos hipócritas... Toda mulher gosta de ser desejada... E claro que violência não tem justificativa. Mas impor respeito ajuda muito. Não só em relação as roupas mas comportamento...* [sic]

Os comentários A1 e D, por exemplo, trazem controvérsias (apresentada pelas conjunções coordenativa de adversidade ‘mas’ e ‘porém’): defendem o discurso de que a mulher não deve ser estuprada e tem o direito de escolher o que vestir, porém relaciona a questão do respeito (próprio e do outro) com a roupa que a pessoa está vestindo em determinado momento ou com o número

de parceiros que possuem em sua vida. O comentário D, por sua vez, afirma que mulheres “fáceis”, (termo pejorativo usado para mulheres que possuem determinado número de parceiros) não possuem o direito de aderir à causa feminista. Desta forma, afirma que mulheres que já tiveram vários parceiros não se respeitam e, por isso, não podem reclamar de abusos sexuais.

Nos parece importante enfatizar o fato de a apelação à questão do lugar de fala no comentário L. A usuária afirma “*Não concordo... Sou mulher e vejo sim que as mulheres provocam...*” e, com isso, emite um comentário machista, culpabilizando a mulher já que, segundo a autora do comentário, “elas provocam”. A escolha de reafirmar seu gênero é aqui percebida como uma estratégia para legitimar sua fala e realizar o movimento inverso: tentar impedir o *outscaling* de modificação do Discurso de culpabilização da vítima por sua roupa, visto que “é na reiteração de certos discursos que eles “cristalizam” posições de identificação, mas é também nas negociações de significados e nas performances narrativas que tais posicionamentos sedimentados podem ser modificados.” (FREITAS, 2017, p. 2125). Desta forma, o comentário é capaz de nos mostrar os movimentos de luta e resistência construídos nos discursos, e as relações de poder movimentando-se a todo o momento. Os sujeitos possuem consciência de seus papéis sociais e identidades, e utilizam estas informações na construção de seus discursos, possibilitando a cristalização, desconstrução e modificação das realidades sociais.

Portanto, estes comentários mobilizam a ordem de indexicalidade de que o respeito próprio das pessoas é determinado e apresentado de acordo com as roupas que estão vestindo ou com o número de parceiros que já tiveram. Desta forma, corrobora o Discurso de que estes fatores são um tipo de permissão para as mulheres sofrerem abusos, culpabilizando a vítima (*‘Sou mulher e vejo sim que as mulheres provocam’*) e que definem o caráter ou a confiabilidade das mulheres, criando padrões e estereótipos na sociedade e usando isto como forma de opressão.

Nossa análise foi capaz de nos apresentar indícios de como as mulheres feministas estão lutando para a modificação de Discursos que ferem suas vidas, e esta luta se dá primeiramente nas ações discursivas. Com o questionamento de ordens pré-estabelecidas há algum tempo, estas mudanças se tornam possíveis, pois desta forma apresentam possibilidades de a sociedade refletir

sobre suas ações e responsabilidades sobre elas. Os processos sociais pelos quais os seres humanos passam ao longo da vida se dão a partir de jogos de poder em funcionamento em determinado contexto e momento e, apesar de alguns possuírem mais força do que outros para cristalizar-se e controlar corpos, não são fixos definitivamente e podem ser modificados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta investigação, nos ancoramos nos preceitos da Linguística Aplicada Transgressiva, associados às teorias das escalas sociolinguísticas, ordens de indexicalidade e *outscalings* para abordar a temática da desconstrução de discursos machistas pelo feminismo na rede social Facebook. Entendemos os discursos como constituidores da vida humana e de suas realidades e, a partir destes, culturalmente construídos, podendo ser reforçados, corroborados, desconstruídos e modificados. Nossa escolha referente a esta LA baseou-se no pressuposto de ser uma linha de pesquisa que se preocupa com a ética em suas investigações e, mais que isso, busca apresentar alternativas de mudanças na vida prática dos sujeitos, trazendo objetos de pesquisa que deem voz às minorias sociais e, assim, possibilitando um mundo mais justo socialmente.

Para tanto, nos fundamentamos nos procedimentos metodológicos da etnografia digital, a fim de dar conta de analisar as postagens e os comentários selecionados de maneira mais complexa e abrangente no sentido de percepções culturais. Nos apoiamos nas questões expostas por Hine (2000) para entender o espaço virtual da Web 2.0, suas peculiaridades e as relações que são estabelecidas entre este e a vida prática da sociedade, com o poder de se afetarem e influenciarem mutuamente; entendemos que os sujeitos constroem múltiplas identidades no espaço virtual. Em cada discussão, grupos ou páginas, por exemplo, o indivíduo assume identidades diferentes e, em cada ocasião, possuem certa legitimidade de voz; e que os limites entre o “virtual” e o “real” já são percebidos de forma nebulosa, já que a linha que os separa encontra-se mutável, inconstante e instável, pois, como dito anteriormente, interferem uma na outra reciprocamente.

Apresentamos os conceitos de discurso e Discurso, a fim de aclarar o funcionamento de cada um destes no mundo, entendendo discurso como performance linguística em micro escala, e Discurso como o funcionamento da linguagem na vida social, envolvida nos modos de sociabilidade dos sujeitos e na construção social.

As teorias das escalas sociolinguísticas e ordens de indexicalidade e o conceito de *outscaling* (BLOMMAERT, 2010a) nos auxiliaram a perceber como os discursos e os Discursos atravessam o EspaçoTempo, como podem ser

reforçados, desconstruídos ou modificados e, assim, como adquirem poder para regulamentar a vida social em determinadas situações. Além disso, nos serviram de suporte para entender os jogos de poder os quais os d/Discursos funcionam.

Como problematizado por nossa primeira questão de pesquisa (Quais Discursos são mobilizados nos comentários analisados nas postagens e como operam como regulamentações para o comportamento feminino?), percebemos que os Discursos mobilizados pregaram a maternidade compulsória, levando as mulheres a entender que a maternidade é um dever e não uma opção e que há uma pressão social pelo casamento heterossexual e pela constituição familiar, ignorando as subjetividades humanas e causando problemas psicológicos e sociais. Houve a ocorrência do Discurso que exige uma performance de feminilidade pela mulher, fazendo-a buscar padrões de beleza que são surreais e colocando em risco sua saúde física e mental, aceitar relacionamentos abusivos e violências de vários tipos. Também verificamos a manifestação de Discursos culpabilizadores da mulher em casos de crimes como estupro, assédio e violências contra a mulher, os quais buscam definir o caráter feminino de acordo com suas roupas e com o número de parceiros que estas já tiveram em suas vidas. Dentro destas performances discursivas, há a incidência de ordens de indexicalidade que apontam para outros Discursos implícitos que regulamentam o comportamento feminino, nos mostrando que o machismo é construído por uma teia de discursos normatizadores que, muitas vezes, atravessam a sociedade por anos de maneira silenciosa e quase imperceptível.

Conforme a questão de pesquisa de número dois, (Quais ordens de indexicalidade são mobilizadas por estas regulamentações?), percebemos que as ordens de indexicalidade mobilizadas pelas postagens de páginas feministas nos remeteram aos padrões de comportamento impostos às mulheres no atual panorama em que vivemos, como a questão da maternidade compulsória, da performance de feminilidade e a escolha de vestuário, por exemplo. Estas regulamentações mobilizam Discursos que impõe papéis sociais previstos de acordo com o gênero feminino, apagando as singularidades e ignorando as vontades próprias de cada mulher.

Por fim, com o objetivo de atender à nossa terceira questão de pesquisa (Como as usuárias que comentaram nas postagens estão buscando motivar *outscalings* e como suas narrativas funcionam neste processo?), pudemos

captar os *outscalings* criados pelas feministas, transcendendo os discursos, em micro escalas, aos Discursos, em macro escalas. As mulheres feministas buscam problematizar os Discursos em circulação no macro espaço e questionar estas verdades no micro espaço, e em alguns momentos estes questionamentos produzem embates mais férteis, no sentido de produzir maiores reflexões sobre normatizações sociais. Porém, há contextos em que os embates não causam tantas rupturas em conceitos pré-estabelecidos, sólidos ou de senso comum pois, apesar de entenderem os argumentos e ouvirem experiências pessoais que são capazes de mostrar a não universalidade das situações, há sujeitos que se recusam a repensar seus conceitos já cristalizados.

Como professores, podemos usar estas noções aqui expostas e analisadas para apresentar aos nossos alunos a responsabilidade de nossos discursos e da reprodução sem reflexão dos Discursos em circulação em nossa sociedade. É importante que o ser humano saiba, desde cedo, que a linguagem constrói as coisas no mundo, tendo o poder de reforçá-las ou modificá-las. Por isso, é necessário que se discuta sobre performances narrativas, a fim de apresentar os Discursos que elas mobilizam e para os quais elas apontam. Ao tratar temáticas de cunho social em sala de aula, a interação possui grandes chances de ser produtiva, visto que os alunos estarão se identificando com as situações expostas e poderão usar de sua bagagem cultural e experiências para argumentar e entender os atravessamentos que ocorrem. Desta forma, o conteúdo das disciplinas se tornam mais acessíveis, visto que passam a fazer sentido.

Apesar destas particularidades, as feministas lutam por modificar os Discursos que normatizam e ferem as mulheres. Para isso, expõem experiências pessoais ou constroem narrativas visam levar o interlocutor a entender e refletir sobre as situações que são corriqueiras nas vidas das mulheres e que não condizem com as normatizações já solidificadas (como assédios ou ações românticas de maneiras diversas, não somente de acordo com padrões de Discursos já cristalizados).

Entendemos que são anos de Discursos machistas em nossa sociedade que normatizam os corpos e os comportamentos de todos os seres humanos, recaindo de maneira mais acentuada nas minorias - camadas sociais que, de alguma maneira, estão em nível de desigualdade em relação a outras. Porém, é

necessário continuar com esta agenda de luta, buscando um mundo mais justo socialmente para aquelas e aqueles que sofrem com as opressões. É necessário não desistir, pois os resultados já são reais e os discursos já estão ganhando status de Discurso, modificando a maneira como nosso mundo é construído.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. **Gordofobia como questão política e feminista**. Online, Set./2014. Disponível em: <
<https://www.revistaforum.com.br/digital/163/gordofobia-como-questao-politicae-feminista/>>. Acesso em 06 de janeiro de 2018.

BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAZERQUE, Aline de Lima. **Performances narrativas de minorias sociais nos novos letramentos digitais: empoderamento de LGBTs no canal Muro Pequeno**. Orientadora: Letícia Fonseca Richthofen de Freitas, 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas: 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. v. 1 (Fatos e mitos).

BENETTI, Marcia. **A ironia como estratégia discursiva da revista Veja**. *Líbero*, Ano X, nº 20, Dez/2007. Disponível em <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/632/600>>. Acesso em 27 de dezembro de 2017.

BLOMMAERT, J. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010a).

BLOMMAERT, J. and JIE, D. **Ethnographic Fieldwork, a beginner's guide**. Bristol, Buffalo, Toronto: Multilingual Matters, 2010b.

BONFIM, M. A. L. do. ALENCAR, C. N. de. **Trajetórias textuais, indexicalidade e recontextualizações de resistência no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 18(2), 2017. P. 27- 44. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/26971/19281>>. Acesso em 26 de dezembro de 2017.

BRÍGIDO, E. I. **Michel Foucault: Uma Análise do Poder**. *Rev. Direito Econ. Socioambiental*, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 56-75, jan./jun. 2013.

CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na linguística aplicada no Brasil. In: SIGNORINI & CAVALCANTI (orgs.) **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado das Letras, p.115-126, 1998.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II. Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CONSALVO, Mia. **Cyberfeminism**. Encyclopedia of New Media. Ed. Thousand Oaks, CA: SAGE, 2002. 109-110. [online], 2012. Disponível em: http://study.sagepub.com/sites/default/files/Ch17_Cyberfeminism.pdf. Acesso em 22 agosto 2016.

CRENSHAW, K. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics**. University of Chicago Legal Forum, 1989.

_____. **Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color**. Stanford Law Review, Vol. 43, No. 6: 1241–1299, 1991.

DE MIGUEL Ana; BOIX, Montserrat. **Os gêneros da rede: os ciberfeminismos**. In: NATANSOHN, Graciela (Org). Internet em código feminino: Teorias e práticas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Crujía, 2013.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. P. 45-65.

FERRAZ, D. PELEGRINELLI, D. et.al. **Etnografia virtual: uma tendência para pesquisa em ambientes virtuais de aprendizagem e de prática**. Orientadora: Brasilina Passarelli. 2009. 74 f. Monografia (Pós-graduação em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em: http://ccvap.futuro.usp.br/TMP_UPLOAD/files/tcsecs1250008784833__nusp2511675.pdf. Acesso em 01/maio/2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 1979. Rio de Janeiro, Edições Graal.

_____. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **A ordem do discurso**. 20ª ed. São Paulo: Loyola, 2010.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de. **Posicionamentos interacionais em pequenas histórias contadas por um universitário migrante: performances de masculinidade heterossexual**. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 2116-2127, jun. 2017. ISSN 1984-8412. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/19848412.2017v14n2p2116>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

FREITAS, L. F.R de; MOITA LOPES, L.P. **“Sobre feminismo, sobre racismo, sobre xenofobia, sobre tudo”**: desequilíbrios narrativos em performances

heterossexuais de um aluno migrante branco. Calidoscópico, Vol. 15, n. 2, p. 305-316, mai/ago 2017.

GEE, James Paul. **An introduction to discourse analysis: theory and method.** Londres: New Fetter Lane, 1999.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo.** *Educação e Realidade*. v. 22, n. 02, jul/dez 1997. P. 15-46.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography.** Londres: SAGE Publications, 2000.

KUMARAVADIVELU, B. **A linguística aplicada na era da globalização.** In: MOITA LOPES, L. P. (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006. P. 129-147.

LEITE, Gisele. **Compreender a virada linguística.** Revista Prolegis, 2016, Fev. Ano V. Data de consulta: 29 de agosto de 2017. Disponível em: <<http://www.prolegis.com.br/compreender-a-virada-linguistica/>>.

LINDÓN, Alicia. **Narrativas autobiográficas, memoria y mitos: una aproximación a la acción social.** Economía, Sociedad y Territorio, 1999, II (Julho-Dezembro). Data de consulta: 21 de julho de 2017. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=11100607>>.

MARIANO, Silvana A. **O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo.** Estudos Feministas, Florianópolis, 13(3): 320. Setembro-dezembro/2005. P. 483-505. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n3/a02v13n3.pdf>>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.

MATOS, Marlise. **Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global?** Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, jun. 2010.

MELO, Glenda C. V. de; MOITA LOPES, L.P. **Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico.** Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 653-673, set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151876322014000300653&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06/Jun/2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-140312-4413>.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva da raça, gênero e sexualidade em sala de aula.** Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006.

_____. (org.) **Linguística Aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. **Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, 49(2): 393-417, Jul./Dez. 2010.

_____. **Práticas narrativas como espaço de construção de identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista**. IN: RIBEIRO, Branca Telles. LIMA, Cristina Costa. DANTAS, Maria Tereza Lopes (Orgs.). Narrativa, Identidade e Clínica. Rio de Janeiro: Edições IPVB, 2001.

NASH, J. **Re-Thinking Intersectionality**. Feminist Review, 2008. 89: 1-15.

NATIVIDADE, M. **Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas**. Revista Brasileira De Ciências Sociais - VOL. 21 Nº. 61, 2006. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbcsoc/v21n61/a06v2161.pdf>>. Acesso em 31 de janeiro de 2018.

NIGRO, Rachel B. **Desconstrução Linguagem Política**. Orientador: Paulo Cesar Duque Estrada. 2007. 279 f. Tese (doutorado em Filosofia) - Departamento de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:
https://www.maxwell.vrac.pucRio.br/11425/11425_3.PDF. Acesso em 17 de março de 2017.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 2001 (Coleção Filosofia).

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. P. 67-84.

PINTO, C. R. J. **Feminismo, história e poder**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

RAMPTON, B. **Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada**. In: MOITA LOPES, L. P. (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. P. 109-128.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 1987.

SCHIFFRIN, Deborah. **Narrative as self-portrait: Sociolinguistic constructions of identity**. Language in Society. Vol. 25, No. 2 (Jun., 1996). P. 167-203. Disponível em ://www.jstor.org/stable/416869. Acesso em 25 de julho de 2017.

SILVA, K. A.; SANTOS, L. I. S.; JUSTINA, O. D. **Entrevista com Kanavillil Rajagopalan: ponderações sobre linguística aplicada, política linguística e ensino-aprendizagem.** Revista de Letras Norte@mentos – Revista de Estudos Linguísticos e Literários. Edição 08 – Estudos Linguísticos 2011/02. Disponível em: http://projetos.unemat-net.br/revistas_eletronicas/index.php/norteamentos. Acesso em 17 de março de 2017.

VELASQUES, MATHEUS TRINDADE. **Why is the book on the table? Um estudo sobre a constituição identitária de professoras de língua inglesa em formação.** Orientadora: Leticia Fonseca Richthofen de Freitas. 2013. 159 f. Dissertação (mestrado em Letras) - Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/123456789/2167/1/Dissertacao%20Matheus%20Trindade%20Velasques.pdf>. Acesso em 18 de março de 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-philosophicus.** Trad. Luiz H. Lopes dos Santos, São Paulo, Edusp: 1993.